

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**A PEDAGOGIA DIALÓGICA DE PAULO FREIRE E AS CONTRIBUIÇÕES  
DA PROGRAMAÇÃO NEUROLINGUÍSTICA:  
uma reflexão sobre o papel da comunicação na Educação Popular**

**WALBERTO BARBOSA DA SILVA**

**JOÃO PESSOA - PB  
2006**

**WALBERTO BARBOSA SILVA**

**A PEDAGOGIA DIALÓGICA DE PAULO FREIRE E AS CONTRIBUIÇÕES DA  
PROGRAMAÇÃO NEUROLINGUÍSTICA:  
uma reflexão sobre o papel da comunicação na Educação Popular**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-graduação, Mestrado em Educação da Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento à parte das exigências para obtenção do título de Mestre.

**Área de concentração:** Educação Popular, Comunicação e Cultura.

**Linha de Pesquisa:** Estudos Culturais e Tecnologia da Informação e Comunicação.

**ORIENTADOR:** PROF. DR. IRAQUITAN CAMINHA

JOÃO PESSOA - PB  
2006

**WALBERTO BARBOSA DA SILVA**

**A PEDAGOGIA DIALÓGICA DE PAULO FREIRE E AS CONTRIBUIÇÕES DA  
PROGRAMAÇÃO NEUROLINGUÍSTICA:  
uma reflexão sobre o papel da comunicação na Educação Popular**

APROVADO EM 30 DE NOVEMBRO DE 2006

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. Iraquitan Caminha – UFPB  
Orientador

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Mirian de Albuquerque Aquino - UFPB  
Membro

---

Professor Dr. José Batista Neto - UFPE  
Membro

## DEDICATÓRIA

**A Jesus,  
o maior de todos os educadores!**

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me concedido saúde, paz e equilíbrio espiritual durante esta jornada.

Àqueles que me estimularam desde o princípio:

Aos meus pais que me deram carinho, afeto e “forças” para que eu concluísse este trabalho;

Aos meus irmãos pelo amor que têm por mim e por acreditarem no meu sucesso, apesar de não morarmos mais juntos;

A Edilma, pelo seu olhar ortográfico e pela disposição em me ajudar.

A minha prima Luciana pela transcrição do resumo para espanhol, e pelo exemplo de esforço que representa para mim;

A todos os professores do PPGE com os quais estudei, pois todos – uns mais, outros menos – contribuíram para a minha formação de Mestre;

A todos os meus mestres, desde os que me alfabetizaram me inserindo no mundo das palavras grafadas até os que me fizeram leitor mais crítico da realidade, tanto no segundo grau quanto na academia (graduações e pós-graduações);

Ao professor Marcos Nicolau, orientador das minhas monografias sobre PNL, e também por ter participado contribuindo na “banca” qualificação desta dissertação.

A professora Mirian Aquino, por contribuir participando nas bancas de qualificação e de defesa.

Ao Professor José Batista Neto por aceitar o nosso convite para banca de defesa.

Aos colegas de turma do mestrado, especialmente a Saula, Lebian, Rosimary, Sílvia, Norma, Cláudia, Aparecida Valentim, Evelyne, Keyla, Késsia, e Rogério.

Ao professor Iraquitã Caminha, o Caríssimo, orientador deste trabalho, que de maneira especial me conduziu na liberdade e responsabilidade primando pelo meu crescimento sem qualquer legalismo ou pedantismo Intelectual;

Ao Rev. Sérgio Queiroz e à Comunidade Cidade Viva por contribuírem na manutenção da minha vida espiritual durante o tempo de construção desta dissertação.

A professora Cacilda, por seu carinho e acompanhamento desde aluno até professor da UVA, universidade onde iniciei-me como docente de nível superior.

A Quézia e André pelas dicas na última semana da preparação deste escrito.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para o meu sucesso, mas que não tiveram seus nomes aqui citados;

E os que não acreditaram em mim, pois tenho a esperança de que a humildade e a óptica de igualdade potencial humana venha a alcançá-los um dia.

## RESUMO

Numa proposta de interação entre a Pedagogia Dialógica de Paulo Freire e a Programação Neurolingüística em seu aspecto comunicacional, este estudo qualitativo, bibliográfico e exploratório objetiva refletir sobre a comunicação na Educação Popular. A Pedagogia em questão defende o diálogo como recurso indispensável no processo de educação, de forma que, todos devem ter direito à fala em uma relação de mútuo respeito. A Programação Neurolingüística por sua vez, apresenta uma série de elementos capazes de nos fazer compreender melhor a nossa comunicação e a dos outros, facilitando assim os processos interativos nos quais se inserem os interlocutores (nós mesmos e os outros) e o mundo. Os resultados apontam, portanto, como fruto da nossa análise sobre as teorias envolvidas neste estudo, alternativas para otimizar a comunicação no sentido de construir um diálogo ético e eficaz que possa contribuir para que indivíduos que vivem numa situação de opressão tenham maior facilidade de tornarem-se sujeitos ativos na busca dos direitos que lhes cabem na sociedade da qual fazem parte. Isto justifica a relevância deste estudo, uma vez que verificamos até que ponto a Pedagogia Dialógica de Freire e a Programação Neurolingüística juntas podem contribuir para otimização da comunicação no âmbito da Educação Popular.

**Palavras-chave:** *Paulo Freire, Pedagogia Dialógica, Programação Neurolingüística, Educação Popular, Comunicação.*

## RESUMEN

En una propuesta de interacción entre la Pedagogía Dialógica de Paulo Freire y la Programación Neurolingüística en su aspecto comunicacional, este estudio cualitativo, bibliográfico y averiguador tiene el objetivo de reflejar a respecto de la comunicación en la Educación Popular. La Pedagogía en cuestión defiende el diálogo como recurso indispensable en el diálogo como recurso indispensable en el proceso de la educación, de modo que, todas las personas deben tener derecho a la habla, en una relación de mutuo respeto. La Programación Neurolingüística por su vez, presenta un serial de elementos capaces de hacernos mejor comprender nuestra comunicación y la de los otros (las otras personas), proporcionando así los procesos interactivos en los cuales se insertan los uterlocutores (nosotros y los otros) y el mundo. Los resultados apuntan, luego, como objeto de nuestra análisis sobre las teorías envueltas en este estudio, alternativas para optimizar la comunicación en el sentido de construir un diálogo ético y eficaz que pueda contribuir para que los individuos que vivencian una situación de opresión tengan mayor facilidad de se tornaren sujeto activo en la busca de los derechos que les quepan en la sociedad de la cual hacen parte. Esto justifica la importancia de este estudio, una vez que averiguamos hasta que punto la Pedagogía Dialógica de Freire y la Programación Neurolingüística juntas pueden contribuir para otmização de la comunicación en el ámbito de la Educación Popular.

**Palavras-chave:** *Paulo Freire; Pedagogía Dialógica; Programación Neurolingüística; Educación Popular; Comunicación.*

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2. EDUCAÇÃO POPULAR E A PEDAGOGIA DIALÓGICA DE FREIRE .....</b>	<b>14</b>
2.1 Conceitos elementares de Educação Popular.....	14
2.2 - A Pedagogia Dialógica apresentada por Freire – o diálogo na comunicação .....	18
<b>3. PNL: DEFINIÇÃO, ORIGEM E EVOLUÇÃO.....</b>	<b>30</b>
3.1 A que se aplica a PNL .....	33
3.2 Áreas que inspiram e fundamentam a PNL .....	33
3.3 Pressupostos da PNL .....	37
3.4 Princípios comunicacionais e peculiaridades individuais .....	39
3.4.1 Rapport, espelhamento e predicados .....	42
3.4.2 Indícios de acesso .....	45
3.4.3 Calibração e ancoragem .....	46
3.4.4 A comunicação se dá em sistema .....	48
3.4.5 Metamodelos .....	50
3.4.6 Metáforas .....	54
3.4.7 Metaprogramas comunicacionais .....	55
<b>4. INTERAGINDO A PEDAGOGIA DIALÓGICA DE PAULO FREIRE COM A PROGRAMAÇÃO NEUROLINGÜÍSTICA .....</b>	<b>58</b>
4.1 Abrindo caminhos ao uso da PNL no contexto da pedagogia dialógica de Paulo Freire ...	58
4.1.1 Mapas mentais e contextos individuais e grupais .....	61
4.1.2 Modelagem e Ética dos Educadores (as) .....	63
4.1.3 Fortalecendo a comunicação, consolidando o diálogo .....	65
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>80</b>
<b>6 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>83</b>

### 3. INTRODUÇÃO

Trataremos aqui da Educação Popular, mas não isoladamente, pois queremos pensá-la a partir de algumas “teorias”, a saber, a Programação Neurolingüística - PNL, a Pedagogia Dialógica de Paulo Freire e a Comunicação. Este estudo, envolvendo PNL, é recente, mas já estamos trabalhando esta temática desde os cursos de graduação e especialização. O que nos propomos neste momento é suscitar uma forma de interação entre estas teorias.

É válido esclarecer que o termo “as”, utilizado no título deste trabalho, não está no sentido de todas, mas das contribuições aqui apresentadas.

Assim sendo, temos o objetivo de investigar neste estudo, em que medida a Pedagogia Dialógica de Freire articulada com a PNL pode colaborar para uma reflexão sobre a comunicação e o diálogo na Educação Popular.

Do ponto de vista metodológico, é válido esclarecermos que trata-se de um estudo teórico. Segundo Minayo (1998, p.89), o conhecimento teórico “[...] é construído a partir de outro e sobre os quais se exercitam a apreensão, a criticidade e a dúvida”. Neste sentido, uma pesquisa teórica se baseia principalmente nas leituras dos teóricos visando uma conexão entre as teorias.

Para Demo (1987, p.23), “pesquisa teórica é aquela que monta e desvenda quadros de referência [...] que são contextos essenciais para o pesquisador movimentar-se”. Nesta perspectiva, pretendemos nos movimentar sobre as teorias envolvidas de modo que ao final do estudo possamos compreender possibilidades de aprimorar a comunicação e o diálogo com o auxílio dos princípios comunicacionais da PNL, sem sair da proposta emancipatória trazida por Freire em sua “Pedagogia Dialógica Libertadora”, o que não se dissocia da óptica popular da educação.

Ainda na concepção de Demo, a leitura de clássicos é imprescindível e deve ser feita de maneira ativa e não ingênua. Isto quer dizer que, enquanto pesquisadores teóricos, segundo ele, necessitamos ter o conhecimento criativo dos clássicos. Ora, aqui buscamos ler alguns dos clássicos, tanto no que diz respeito aos teóricos da PNL quanto algumas das obras de Paulo Freire, especificamente as que nos parecem suficientes a esse estudo.

Além desta pesquisa ser teórica, podemos dizer que ela é bibliográfica, qualitativa e exploratória. Primeiramente, ela é bibliográfica por buscarmos em livros e artigos já escritos os fundamentos para o desenvolvimento da temática a que estamos nos propondo. Para Gonsalves (2003, p.34), a pesquisa bibliográfica caracteriza-se “pela identificação e análise dos dados escritos em livros, artigos de revistas, dentre outros. Sua finalidade é colocar o investigador em contato com o que já se produziu a respeito do seu tema de pesquisa”. Assim, buscamos o que existe a respeito das teorias em questão neste estudo a fim de interagí-las com propósito específico.

Ruiz (2002, p.58) afirma que a pesquisa bibliográfica consiste no exame de escritos para levantamento e análise de assuntos presentes no tema de determinada pesquisa científica. Já Cervo e Bervian (2002, p.65) dizem que “a pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos.”. Portanto, no que se refere à fonte, este estudo é bibliográfico.

Quanto ao objetivo, podemos dizer que este estudo tem caráter exploratório. Segundo Gonsalves (2003, p.65), “A pesquisa exploratória é aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de idéias, com objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado.”. Ora, vemos a interação proposta aqui nesta pesquisa, como algo novo, pouco explorado. Logo, este estudo é exploratório.

Por fim, a natureza qualitativa desta pesquisa se dá por preocupar-se com a compreensão e interpretação de uma realidade ou fenômeno. Costa (2001, p.40) afirma que dentre os objetivos da pesquisa qualitativa está o de “contribuir para geração de teorias a respeito da questão sob exame.” Neste sentido, a interação a que estamos nos propondo aqui, busca um novo olhar sobre a comunicação usada no âmbito da Educação Popular, a partir de contribuições da PNL e da Pedagogia Dialógica de Paulo Freire.

A comunicação deficitária de professores, de outros profissionais da instituição escolar e da comunidade educacional (pais, sociedade etc) que adjazem a instituição educativa formal tem dificultado uma aprendizagem eficiente no que se refere ao desenvolvimento crítico de uma reflexão-ação.

Passamos a entender melhor esta questão da necessidade de uma reflexão-ação quando adentramos no contexto atual em que a exclusão social, econômica, educacional, entre outras, se faz notória em nosso meio social. A estes aspectos da exclusão, Paulo Freire já confrontava numa busca de visualização de um mundo mais igual.

Freire (1996) traz como proposta a busca pela igualdade apostando numa educação que tem como pressuposto o diálogo, em que todos têm direito à voz e se educam mutuamente. Este diálogo promove uma reflexão que pode conduzir qualquer indivíduo a um

nível crítico elevado que gera uma ação, que é capaz de emancipá-lo(s) em conjunto. Se este diálogo é estabelecido de uma maneira empática, os resultados são muito mais promissores. No estabelecimento desta empatia a PNL pode contribuir, uma vez que ela estuda também a interatividade dos indivíduos com eles próprios, com os outros e com o mundo.

Conhecimentos comunicacionais como os trazidos pela Pedagogia Dialógica de Paulo Freire e pela PNL nos parecem dinâmicos, e este dinamismo vem como fruto da iteração disciplinar destas teorias.

A PNL trabalha o aprimoramento da comunicação de cada indivíduo consigo próprio, com os outros e com o meio. Assim, o domínio da comunicação é o que faz um grande ser humano. “Domínio da comunicação é o que faz um grande pai, um grande artista, um grande político, ou um grande professor.” (ROBBINS, 1987, p. 33).

A comunicação humana vai além de simples verbalizações. Ela transcende e passa a englobar toda a fisiologia<sup>1</sup> em seu processo.

Estamos sempre nos comunicando, pelo menos não verbalmente, e as palavras são quase sempre a parte menos importante. Um suspiro, sorriso ou olhar são formas de comunicação. Até nossos pensamentos são formas de nos comunicarmos conosco, e eles se revelam aos outros pelos nossos olhos, tons de voz, atitudes e movimentos corporais. (STEVE & FAULKNER, 1995, p. 22).

Segundo O'Connor e Seymour (1995, p.33), “quando nos comunicamos com outra pessoa, percebemos sua reação e reagimos de acordo com nossos sentimentos e pensamentos. Nosso comportamento é gerado pelas reações internas àquilo que vemos e ouvimos”. Isto quer dizer que a comunicação desdobra-se numa relação bidirecional, podendo o *feedback* confirmar a bidirecionalidade do ato comunicativo.

A proposta de Freire é a utilização do diálogo como meio da socialização de idéias capazes de gerar nos indivíduos uma mudança comportamental, ou seja, a ação. Este diálogo é uma comunicação bidirecional na qual todos os envolvidos têm direito a voz.

Desta forma, resolvemos estruturar este trabalho, em três partes, além de introdução, considerações finais e referências.

As duas primeiras referem-se à fundamentação teórica que envolve os conceitos e explicações essenciais à compreensão dos elementos presentes no título do trabalho, e a terceira parte trata exatamente do problema que levantamos, conforme já citamos acima.

Assim, temos a primeira parte que sugere caminhos para pensarmos a Educação Popular e a Pedagogia Dialógica de Paulo Freire e a Comunicação, e a PNL, desde o seu

---

<sup>1</sup> Fisiologia para PNL é o conjunto de expressões comunicantes que nosso corpo produz, como por exemplo, a expressão facial (uma careta, um sorriso, etc), a expressão vocal (envolvendo aqui a respiração, o tom da voz e coisas do tipo), entre outros aspectos, como a coloração da pele e o olhar.

conceito até os seus aspectos comunicacionais, que é o que nos interessa aqui.

Na terceira parte desta dissertação interagimos a PNL com a Pedagogia Dialógica. Esta etapa, apesar de curta, trará o cumprimento da proposta temática que é mostrar como a interação entre estas duas “teorias” pode contribuir para Educação Popular.

## 2 EDUCAÇÃO POPULAR E A PEDAGOGIA DIALÓGICA DE FREIRE

Para compreendermos o tema desta dissertação, nos parece propício e essencial discorrermos separadamente sobre alguns dos termos que o compõe. Assim sendo, explicaremos as partes constituintes desta temática fundamentando teoricamente o estudo.

### 2.1 *Conceitos elementares de Educação Popular*

Tratamos a Educação Popular de forma convergente às idéias freireanas. E isto não nos impede de citarmos outros teóricos, conforme parecer oportuno ou necessário. Por Educação Popular, entendemos aquela educação voltada para nos conduzir de uma situação de passividade à proatividade, no que diz respeito à luta pelos nossos direitos na sociedade, de forma que passamos a ser sujeitos da nossa história.

A Educação Popular, na versão em que a conhecemos no Brasil e na América Latina, ao longo dos últimos cinquenta anos, inspirada, originalmente, na obra e na prática política de Paulo Freire, vem passando por marcantes transformações. Seu caráter militante e engajado, seus fortes vínculos iniciais com Movimento de Cultura Popular (MCP) e o Movimento de Educação de Base (MEB) da Igreja Católica, entre outros que emergiam na década de sessenta, vão sendo nuançados por outras aproximações políticas – como, por exemplo, do Movimento dos Sem Terra (MST) – misturando-se aos matizes dos mais diversificados movimentos sociais populares deste final de milênio. Com manifestações em vários continentes, a Educação Popular continua se caracterizando por suas vinculações com grupos populares, entendidos, estes, como segmentos populacionais marcados por discriminações, por diferentes formas de exclusão e marginalidade social. Trata-se, assim, da educação que tem se ocupado dos “pobres” e, como diria Freire, dos oprimidos. (COSTA, 1998, p.9-10).

*A Educação Popular não acontece apenas no Brasil, mas no Chile e em vários outros países, onde algumas pessoas não suportando mais a opressão, buscam emancipar-se.*

A Educação Popular é claramente compreendida hoje como um instrumento de contribuição imediata a uma efetiva participação popular em processos de transformação da sociedade classista e opressora. Ela se originou em boa parte da prática e das descobertas de grupos de cristãos comprometidos com intervenções sociais libertadoras, cada vez mais próximas de projetos realistas de participação nas transformações sociais. (BARREIRO 1980, p.28).

Se já estamos libertos, logo, trabalharemos esta educação libertadora para libertar outros. Mas se ainda não estamos libertos, a Educação Popular servirá para nos libertar juntamente com outros.

Falar desta temática inclui também discorrer sobre pessoas, englobando as suas identidades e culturas. De certa forma, a cultura e identidade de um povo parecem se misturar.

A cultura inclui as formas de comportamento do povo, festas, folclore, crença, religião, costumes, etc. Nas manifestações culturais, estão de certa forma inseridos o pensamento do povo, o seu nível de criticidade e sua tradição de luta ou não luta no que diz respeito à busca pela liberdade.

Para Cananéia, o desenvolvimento é, essencialmente um processo de expansão, das liberdades reais de que as pessoas desfrutam. Ser desenvolvido não é simplesmente viver em uma aldeia global, mas, sim, viver uma situação real que requer a remoção da pobreza, da tirania, da carência de oportunidades econômicas e da negligência dos serviços públicos (CANANÉIA apud BRENNAND, 2003, p.11).

Ora, esta libertação/emancipação que venho falando aqui, passa pela linguagem e pela capacidade de comunicar-se, uma vez que libertar-se da opressão não é algo isolado, mas coletivo, de modo que os indivíduos conjuntamente se libertam. Neste sentido é que a interação destes indivíduos até galgarem à mobilização libertadora, requer uma comunicação entre estes atores. Logo, a proposta dialógica, onde todos têm direito a voz, se faz imprescindível, e é por este motivo que retomaremos esta questão do diálogo mais a frente.

Na proposta da Educação Popular há uma busca pela emancipação. Mas emancipar-se de que, senão dos que, apossados de um poder de dominação, oprimem os que estão à margem dos privilégios, dos desfrutes de riquezas materiais e também do usufruto do próprio poder, em termos administrativos. É preciso, portanto, uma articulação dos que estão presos para que venham alcançar a libertação das cadeias opressoras.

A história da consolidação da concepção de Educação Popular no Brasil, como procurou-se demonstrar, sempre esteve organicamente vinculada ao movimento concreto das forças políticas e culturais – as próprias classes populares, os agentes e as estruturas/organizações de mediação – empenhadas na construção das condições humanas imediatas para a elevação da qualidade de vida das classes subalternas e na construção de uma sociedade onde liberdade e igualdade fossem realidades cada vez mais concretas (PALUDO, 2001, p.181).

Neste processo, a habilidade em comunicar-se tem papel fundamental. A comunicação com os outros e consigo, em torno de reflexões sobre a situação atual e a que se pretende atingir, constrói uma certa conscientização da qual Freire trata em várias das suas obras.

Freire (1980) propõe uma educação popular a qual tem por princípio a libertação dos indivíduos que, por meio de um desenvolvimento da consciência, passam a atingir um nível de criticidade e ação diferenciada.

Assim, a Educação Popular é algo que originou-se ou ainda desenvolveu-se atrelada a lutas e movimentos sociais, por mais anônimos que estes possam parecer. Isso nos faz pensar acerca das mobilizações e lutas populares. Estas surgem a partir da conscientização de alguns.

O movimento de Educação Popular foi uma das numerosas formas de mobilização de massas adotadas no Brasil. É possível registrar numerosos procedimentos de natureza política, social e cultural de mobilização e de conscientização de massas, a partir da crescente participação popular por meio do povo (participação geralmente dirigida pelos líderes populistas) até o movimento de cultura popular organizado pelos estudantes (FREIRE, 1980, p.16-17).

A conceituação de Educação Popular está ligada a outros “aspectos” populares, como por exemplo, “cultura popular”. Quando escutamos este termo, logo pensamos em uma cultura do povão. Mas é possível vislumbrarmos a questão por outros ângulos. Cultura enquanto ação popular.

[...] vínculo entre a ação cultural e a prática. A Educação Popular foi e prossegue sendo a seqüência de idéias e de propostas de um estilo de educação em que tais vínculos são restabelecidos em diferentes momentos da história, tendo como foco de sua vocação um compromisso de ida-e-volta nas relações pedagógicas de teor político realizadas através de um trabalho cultural estendido a sujeitos das classes populares compreendidos não como beneficiários tardios de um “serviço”, mas como protagonistas emergentes de um “processo” (BRANDÃO, 2002, p.142).

*Segundo Estevam (1983, p.37), podemos ver a cultura popular enquanto “uma reforma no sentido revolucionário porque sabe unir dialeticamente a possibilidade imediata*

*ao objetivo final e porque assume como objetivo final a transformação material da sociedade”. Tanto a expressão “cultura” quanto o termo “popular” são expressões abrangentes e complexas, mas é bom que as pensemos pelo menos conjuntamente.*

A cultura popular, essencialmente, diz respeito a uma forma particularíssima de consciência: A consciência política, a consciência que imediatamente deságua na ação política. Ainda assim, não a ação política em geral, mas a ação política do povo. Ela é o conjunto teórico-prático que co-determina, juntamente com a totalidade das condições materiais objetivas, o movimento ascensional das massas em direção à conquista do poder na sociedade de classes (ESTEVAM, 1983, p.39).

É válido afirmar que “a cultura Popular nada mais é do que uma forma mediadora entre cultura e revolução.” Estevam (1983, p.36). Para este autor, “só há cultura popular onde se produz o processo que transforma a consciência alienada em revolucionária, onde o indivíduo passa a estar ativamente engajado na luta política” (ESTEVAM 1983, p.41). Nesse sentido, é possível fazer algumas colocações, pois a cultura popular pode ser entendida como o processo que transforma a alienação em revolução, ou seja, a cultura popular é uma forma mediadora entre cultura e revolução.

Pensar em conscientização é ir além de um conhecimento de algo que precisa ser modificado. Assim, é preciso que exista a ação libertadora. Para Freire (1980), a conscientização é construída no contexto da ação-reflexão, ou seja, não pode existir fora da práxis.

Isto quer dizer que conscientização envolve ação, e isto implica em tomar posse da realidade por diversos ângulos. Nesta direção, Freire (1980, p.25), assim se expressa: “[...] estou absolutamente convencido de que a educação, como prática da liberdade, é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade”.

Primeiramente, é possível perceber que, a consciência pode se subdividir, ou ainda, que existem vários tipos de consciências. Nesta perspectiva, queremos começar tratando da consciência crítica. Esta pode ser tida como um conhecimento perceptivo mais aguçado a respeito de determinada realidade, ou seja, através dela pode-se apreender o que está acontecendo e o porquê está acontecendo. Esta consciência faz uso da criatividade instigando o pensar reflexivo e a intervenção sobre a realidade numa perspectiva transformadora. Enfim, é profunda na interpretação dos problemas.

Pode-se pensar ainda uma consciência ingênua, que é aquela em que se percebe um acontecimento, mas de forma superficial se detendo a um único ponto de vista. O enriquecimento perceptivo neste caso se dá através de “socializações humanas” que geram uma criticidade consciente capaz de emancipar os indivíduos e colocá-los num estado de não superficialidade, autonomia e liberdade.

Ao se tornarem reflexivos, os sujeitos ampliam a capacidade de se tornarem autônomos. Conscientizar a sociedade significa desenvolver ações de integração baseadas no respeito a valores fundamentais como os direitos humanos e, sobretudo, reconhecer que os indivíduos devam ser senhores do seu próprio destino (NETO, 2003, p.60).

Assim, podemos afirmar que conscientização não é apenas uma atitude mental, mas uma ação prática conseqüente desta atitude.

Chamamos a atenção, agora, para a educação conscientizadora, especificamente para questão de “como” chegar à conscientização. Ela vem a partir de uma socialização de pensamentos que ocorre entre os indivíduos que são educados conjuntamente, uns pelos outros, e isto envolve desde o professor ao aluno, até o não professor e não aluno (formal), que de fato informalmente são professores e alunos ao mesmo tempo num processo de educarem-se mutuamente. Mas, não podemos desprezar a função e autoridade do professor enquanto mediador da relação interativa que conduz a uma consciência, pois este já conscientizado deve interferir positivamente no processo emancipatório.

Assim sendo, podemos refletir sobre a forma como pode acontecer esta educação conscientizadora, ou ainda, a socialização de conhecimentos e pensamentos “libertadores”. Ora, é neste ponto que cabe a nossa reflexão em torno da comunicação e do diálogo, elementos imprescindíveis a qualquer socialização.

Por diálogo, compreendemos a comunicação entre duas ou mais pessoas, de forma que todos tenham igual direito à fala. Enquanto a comunicação transcende, pois ela pode ser antidialógica, mas o diálogo efetivo é comunicacional. Mais à frente voltaremos a tratar destes dois elementos.

Para Freire (1980), a vocação ontológica do homem é de ser sujeito e não objeto. E este tornar-se sujeito, numa perspectiva transformadora de reflexão-ação, pode ser concretizado com o auxílio da Educação Popular no processo de conscientização.

Por educação popular entendo as iniciativas de educação, orientadas por especialistas e outros, a partir da metade do século passado, voltadas para ajudar a

explicitar e aproximar os saberes e interesses das pessoas comuns e dos oprimidos, em torno de demandas e objetivos político-educativos (GONÇALVES, 2002, p.117).

Portanto, tudo isto explicitado até agora é uma indicação de caminhos que podem nos levar a reflexões acerca da Educação Popular, mas sem fechá-la em “meia dúzia de palavras” que a limitariam a uma conceituação única, encaixotada!

## **2.2 A Pedagogia Dialógica apresentada por Freire – o diálogo na comunicação**

Parece-nos necessário discorrer sobre algumas concepções em torno do termo comunicação. Em seguida, trataremos do diálogo e da Pedagogia Dialógica.

Para Mattelart (1999), a noção de comunicação recobre hoje uma multiplicidade de significados ou sentidos. Busquemos compreender neste momento, algumas concepções comunicacionais para, em um momento posterior, fazermos a relação com o diálogo.

Ao pensar, por exemplo, uma mensagem comunicada através de um *outdoor* ou de uma capa de um determinado livro, pode-se perceber que ela tem por trás a pessoa que idealizou a mensagem e a que produziu a arte para assim poder chegar a comunicar algo. Há quem defenda também que a natureza se comunica consigo e com o homem através dos seus fenômenos e especificidades. Uma planta seca pode estar comunicando que precisa de água; um cachorro latindo no quintal pode estar querendo comunicar a presença de um estranho, e assim por diante.

Serão apresentados a partir de agora, tipos e modelos elementares de comunicação, considerados por alguns autores como clássicos. Para Beltrão (1982, p.93) “o modelo aristotélico, baseado na oratória, resistiu ao tempo como o mais preciso e sintético”. Neste tipo de comunicação existem apenas três elementos: o EMISSOR ou COMUNICADOR (a pessoa que fala – quem); o RECEPTOR (a pessoa que ouve – quem) e a MENSAGEM (o discurso que pronuncia – que). A partir do momento em que o receptor recebe a mensagem, este pode até vir a tornar-se emissor, mas normalmente em uma posição de inferioridade. Isso é característica fortemente presente no “bancarismo”, como veremos mais adiante.

Segundo Beltrão (1982, p.95), um outro modelo comunicacional foi apresentado por Lasswell, e ampliado por Raymond Nixon, passando a ser descrito assim: QUEM (com que INTENÇÕES) diz o QUE (em que CANAL) a QUEM (sob que CONDIÇÕES) com QUE EFEITOS.

A transformação da realidade por meio de uma comunicação dialógica nos parece fecundo para discorrermos neste estudo.

[...] os elementos básicos de comunicação são: a realidade ou situação onde esta se realiza e sobre a qual tem um efeito transformador; os interlocutores que dela participam; os conteúdos ou mensagens que elas compartilham; os signos que elas utilizam para representá-los; os meios que empregam para transmiti-los. (BORDENAVE, 1985, p.40).

A comunicação também é vista como cultura, uma vez que a forma como a pessoa se comunica diz respeito ao seu contexto sociocultural. Desta maneira, pode-se dizer que são formas de se comunicar culturalmente: a forma de vestir, andar, comer, correr, sentar, conversar etc. Nesta forma cultural de se comunicar entram as tradições, o folclore e a religião. Assim, um pré-requisito para alguém viver em determinada cultura e se comunicar bem dentro da mesma, é conhecer e saber usar os seus códigos comunicacionais.

A comunicação constitui um processo social primário, faz parte do que vem se convencendo chamar de conhecimento comum. As pessoas se comunicam e se entendem com as demais em termos que parecem dispensar explicação, comprovam-se diariamente nos mais diversos campos da vida social. Ninguém precisa estudar ou fazer faculdade para comunicar-se com seus semelhantes (RÜDIGER, 1998, p.31).

Comunicar por comunicar todos fazem, mas comunicar-se de forma eficaz, conhecendo os processos envolvidos, requer estudos relacionados a tais processos e elementos envolvidos na comunicação. O conhecimento destes processos e elementos nos parece um fator essencial para as relações pedagógicas, formais e informais, o que inclui a Educação Popular da qual tratamos neste estudo.

Bordenave (1985) aponta de diversas formas para o sentido social da comunicação. Ele acredita que a comunicação por si mesma, separada da vida social, inexistente. Assim, sociedade e comunicação são uma coisa só e a vida se confunde com a comunicação. Para este autor, a “comunicação é uma necessidade básica da pessoa humana, do homem social.” (BORDENAVE, 1985, p.19).

Há também uma comunicação social entendida como a comunicação socializadora, ou seja, esta se faz social pelo fato de envolver interação entre humanos. Assim, pode-se conceber, por exemplo, que uma roda de amigos, uma sala de aula, uma feira livre, uma central telefônica, uma central de comunicação por rádios amadores, um grupo de mobilização social etc., são ambientes onde se desencadeiam relações comunicativas sociais. Além disso, o termo comunicação também pode ser concebido como o ato de tornar comum uma determinada informação.

Trataremos agora da parte da pedagogia de Freire que nos interessa neste estudo. Para refletir sobre as questões do diálogo e da pedagogia dialógica, utilizaremos os seus contrários, ou seja, concepções como “silêncio”, “anti-diálogo” e “pedagogia bancária”.

Existe uma cultura que precisa ser rompida, que é a do silêncio, própria das sociedades oprimidas, onde não se tem voz, ou direito de fato a ela.

Segundo Freire (1980, p.65), “a sociedade dependente é, por definição, uma sociedade silenciosa. Sua voz não é autêntica, mas um simples eco da voz da metrópole. De todas as maneiras, a metrópole fala e a sociedade dependente escuta.” Podemos tomar isto por dois sentidos: Um primeiro com relação a nós, país emergente que silenciemos diante das imposições dos países ditos hegemônicos; Um segundo sentido refere-se aos oprimidos dentro da própria sociedade. Por exemplo, na sociedade brasileira existem aqueles que oprimem e aqueles que são oprimidos, e estes últimos precisam da conscientização que gera ação para mudar as suas realidades.

Esta ação já é de certa forma um rompimento com a cultura do silêncio, a qual vem nos acompanhando desde a família até a escola. Em nosso entender, esta última pode ser vista como instituição impregnada de ideologias dominantes. Assim sendo, precisamos nos libertar do “diálogo” vertical, passando de uma consciência ingênua a um pensamento crítico.

O diálogo proposto pelas elites é vertical, forma o educando-massa, impossibilitando-o de se manifestar. Neste suposto diálogo, ao educando cabe apenas escutar e obedecer. Para passar da consciência ingênua a consciência crítica, é necessário um longo percurso, no qual o educando rejeita a hospedagem do opressor dentro de si, que faz com que ele se considere ignorante e incapaz. É o caminho de sua auto-afirmação enquanto sujeito. (GADOTTI, 1996, p.84)

É preciso que adotemos uma postura de esperança, distanciada da acomodação, mas como convicção de que se conseguirá a libertação, seja a curto ou longo prazo. Esta esperança se opõe ao desespero que, para Freire (1980, p.84) “é uma forma de silêncio, uma maneira de não reconhecer o mundo e fugir dele.”. O desespero e o silêncio obstaculam a ação cultural libertadora. Para este autor, “os limites da ação cultural se encontram na realidade opressora mesma e no silêncio imposto às classes dominadas pelas classes dominantes. [...] a ação cultural pela liberdade enfrenta o silêncio [...]”(FREIRE, 1980, p.91).

O rompimento com a cultura do silêncio deve se dá na escola, instituição de educação formal e até informal. Neste caso, é preciso que percebamos que educação está sendo dada e ainda qual é a que precisa ser oferecida. Freire (1980, p.78-79) nos faz colocações acerca da concepção bancária da educação, ressaltando que a “educação padece da doença da narração. O professor fala da realidade como se esta fosse sem movimento, estática, separada em compartimentos e previsível.”.

*Ao invés de “comunicar”, tornando comum numa consideração contextual, o professor dá comunicados que os discentes pacientemente, aprendem e reproduzem. É uma forma “acumulativa” de educar. Esta é a concepção bancária de educação, onde acontece uma comunicação unidirecional, a qual enche os depósitos vazios, que “suportam” tudo que for lançado, ou “calcado” dentro deles, de forma que não podem conter vazamento.*

Enquanto na prática “bancária” da educação, antidialógica por essência, por isso não comunicativa, o educador deposita no educando o conteúdo programático da educação, que ele mesmo elabora ou elaboram para ele, na prática problematizadora, dialógica por excelência, este conteúdo, que jamais é “depositado”, se organiza e se constitui na visão do mundo dos educandos, em que se encontram seus temas geradores (FREIRE, 1987, p.102).

*A concepção bancária é antidialógica por natureza. Freire (1980) aborda essa questão de maneira geniosa, elencando uma série de características:*

- a) *o professor ensina, os alunos são ensinados;*
- b) *o professor sabe tudo, os alunos nada sabem;*
- c) *o professor pensa para si e para os estudantes;*
- d) *o professor fala e os alunos escutam;*
- e) *o professor estabelece a disciplina e os alunos são disciplinados;*
- f) *o professor escolhe, impõe sua opção, os alunos submetem-se;*
- g) *o professor atua e os alunos têm a ilusão de atuar graças à ação do professor;*
- h) *o professor escolhe o conteúdo do programa e os alunos – que não foram consultados – adaptam-se;*
- i) *o professor confunde a autoridade do conhecimento com sua própria autoridade profissional, que ele opõe à liberdade dos alunos;*
- j) *o professor é sujeito do processo de formação enquanto que os alunos são simples objetos dele (FREIRE, 1980, p.79-80).*

*Nessa concepção, a única ação que resta ao educando é captar e guardar, a todo custo, os conteúdos. Isso bloqueia no aluno a criatividade, o saber e a transformação, considerando que é na criação e recriação que existe o saber, e este é também fruto de uma busca inquieta e constante presente nas relações homem-homem e homem-mundo.*

Tratando da educação problematizadora, Freire (1987), nos fala sobre o educador revolucionário, que deve estimular a crença no poder criador humano.

Um educador humanista, revolucionário, não há de esperar essa possibilidade. Sua ação, identificando-se desde logo, com a dos educandos, deve orientar-se no sentido da humanização de ambos. Do pensar autêntico e não no sentido da doação, da entrega do saber. Sua ação deve estar infundida na profunda crença nos homens. Crença no seu poder criador (FREIRE, 1987, p.62).

Sendo assim, é possível uma outra educação, a problematizadora, a qual Freire (1987, p.72) usa em seu método de alfabetização, salientando que, na “educação problematizadora se faz, assim, um esforço permanente através do qual os homens vão percebendo, criticamente, como *estão sendo* no mundo *com que* e *em que* se acham”. Esta educação busca instigar a criatividade dos educandos.

A educação problematizadora é fundada sobre a criatividade e estima uma ação e reflexão autênticas sobre a realidade e responde, assim, à vocação dos homens que só são autênticos quando se comprometem na transformação da realidade. Devido a essa relação dialética, a “educação para a libertação se constitui como um ato de saber, um ato de conhecer e um método de transformar a realidade que se procura conhecer (GADOTTI, 1996, p.721).

A educação problematizadora faz uso do diálogo e da comunicação nivelada e “funda-se justamente na relação dialógico-dialética entre educador e educando; ambos aprendem juntos” (GADOTTI, 1996, p.86). Ora, nesse sentido, problematizar não é criar problemas por criar, mas, através do diálogo, levantar questionamentos sobre situações problemáticas no intuito de fazer pensar, refletir, acerca das questões ligadas ao “contexto social” que se quer mudar por meio da conscientização-ação.

Nivelar, ou se adequar à comunicação de determinado grupo requer uma série de procedimentos, dos quais alguns se encontram no método de alfabetização em questão. Neste caso, ler é imprescindível a uma comunicação “por escrito”.

Ora, Perguntamo-nos: como se comunicar por escrito se não se sabe ler/escrever? Faz-se necessária, portanto, uma alfabetização eficaz, que traga em suas entrelinhas a decodificação do mundo e da sociedade, o que transpõe a leitura de palavras, conduzindo a reflexões críticas.

*O método de alfabetização trazido por Freire (1980), consistia em cinco fases, as quais exigiam que a relação de diálogo e reflexão fosse estabelecida. Primeiramente, descobria-se, por meio do diálogo e da observação, o universo vocabular dos educandos. Em seguida, selecionavam-se palavras “geradoras” dentro deste universo. Em terceiro lugar, discutia-se com o grupo situações existenciais típicas que fossem capazes de gerar uma vontade de agir, individual ou coletiva.*

*A quarta fase é a da elaboração de fichas indicadoras, contendo as famílias fonéticas correspondentes às palavras geradoras – que são palavras que podem gerar discussão e reflexão – utilizadas pelo grupo. A partir daí, com uma leitura de mundo já estabelecida, passava-se ao trabalho de alfabetização propriamente dito, em nossos “moldes” conceituais.*

*Em um primeiro momento, considera-se “o processo de alfabetização como ação cultural para a liberdade e o ato de um “sujeito cognoscente” em diálogo com o educador.” (FREIRE, 1980, p.75). Isso quer dizer que no processo de alfabetização podemos usar mecanismos esclarecedores no que tange à liberdade que todos podem atingir por meio da conscientização e da luta, ou seja, é preciso direcionarmos para uma atitude mental, mas também para uma ação prática e conjunta.*

*O natural é que temas geradores surjam nas comunicações entre os indivíduos dos grupos. O não surgimento destes temas, pode ser indicação de uma problemática: o mutismo. O silêncio herdado na cultura. Mas, normalmente, diante de oportunidades dialógicas as pessoas passam a emancipar-se conjuntamente, quebrando o longo silêncio que até então as acompanhava.*

*“o diálogo é, portanto, uma exigência existencial, que possibilita a comunicação e permite ultrapassar o imediatamente vivido. Ultrapassando suas “situações-limites”, o educando chega a uma visão totalizante do programa, dos temas geradores, da apreensão das contradições até a última etapa do desenvolvimento de cada estudo.” (GADOTTI, 1996, p.86).*

De algumas relações dialógicas alfabetizadoras, foram extraídas várias frases de alfabetizados (“analfabetos”), as quais são citadas em algumas obras de Freire, e citamos uma destas para exemplificar: “*Minha escola é o mundo*”, disse um analfabeto de um Estado do sul do país; o que levou o professor Jomard de Brito a perguntar em seus ensaios: “Que se pode oferecer a um adulto que afirma que sua escola é o mundo?” (FREIRE, 1980, p.42).

Esta expressão pode parecer simples, mas quem está em contato com o alfabetizando sabe o quanto estas poucas palavras têm importância e utilidade. Além disso, a reflexão que um diálogo pode gerar, juntamente com a ruminância interior, provavelmente foi o que despertou o professor acima citado a fazer a pergunta que fez. A resposta para tal pergunta certamente se refletiu em sua prática.

Como dissemos acima, a alfabetização propriamente dita é um caminho para a comunicação escrita. Mas podemos pensar também na comunicação oralizada, e ainda mais, podemos adentrar nos conteúdos presentes na comunicação, dialógica ou não.

Pensar comunicação de uma maneira geral, é pensar códigos e também pensar a descodificação (ou decodificação) destes. Para Freire (1980, p.32), “em todas as fases da descodificação, os homens revelam sua visão de mundo.” Isto quer dizer que a interpretação que cada indivíduo faz dos códigos tem como base a sua visão de mundo, ou como falam os teóricos da PNL, mapeamento mental do mundo. “Sem dúvida, como o código é a representação de uma situação existencial, o descodificador tende a passar da representação à situação muito concreta na qual e com a qual trabalha” (FREIRE 1980, p.31). Assim, para trabalharmos numa perspectiva libertadora faz-se necessário considerarmos o contexto no qual os indivíduos se encontram inseridos, e as representações que esses têm da realidade e do mundo.

Antes de tratarmos mais especificamente da questão do diálogo, faremos uma breve abordagem sobre meios de comunicação massiva, como a TV e o rádio, que muitas vezes são usados na manipulação e alienação coletiva.

Consideramos que os indivíduos precisam sair da condição de massa manipulada para povo consciente. Ora, os grandes meios de comunicação são instrumentos utilizados também para manipular as massas. Desta forma, na perspectiva da proposta de emancipação, pensar comunicação dialógica implica em bidirecionalidade, e não a unidirecionalidade maliciosa utilizada muitas vezes pelos grandes meios em questão. Assim, os indivíduos devem educar-se numa postura questionadora, para que não venham a ser facilmente manobrados pelas propagandas e pelos demais discursos alienadores presentes na grande mídia.

É preciso que se atente também para as manobras que a Tv e o rádio fazem com uma capa de interatividade. Seria interação ou um tipo de reação? O público interage ou só reage? Pensemos nisso em conjunto com os nossos grupos de educação mútua.

Também não podemos esquecer de que muitas “coisas” boas e esclarecedoras estão sendo veiculadas pelos grandes meios (rádio, Tv, jornal, revista, internet, cinema etc). Desta forma, faz-se necessário aprender a garimpar o ouro presente, mas escondido, no meio deste barro sujo de lixo que “salta aos nossos olhos”, hipnotizando-nos.

Assim, deve haver discussão sobre a mídia, desde a expressão comercial até a carga ideológica presente em suas páginas e programações.

A medida em que os grupos percebem na discussão o que há de enganoso na propaganda [...] descobrem na primeira fase a diferença entre educação e propaganda. Preparam-se assim para perceber os mesmos enganos na propaganda ideológica ou política, no uso de “slogans” (FREIRE, 1980, p.48).

O indivíduo preparado para criticar está de posse de uma defesa contra a sutileza camuflante da maldade alienadora incorporada aos meios. Portanto, necessita-se aproveitar as mensagens veiculadas nestes meios a fim de levantar discussões e reflexões conjuntas, e dialogadas, ao invés de dar as costas para eles.

O que é uma reflexão senão uma comunicação ou um diálogo interno e/ou externo do indivíduo (antagonicamente ou não). Discorreremos a partir de agora mais enfaticamente sobre “diálogo”.

Começamos pelo diálogo interior. Através da reflexão interna, o indivíduo contrapõe e/ou interage pensamentos, chegando a conclusões que são exteriorizadas. Esse diálogo pode acontecer internamente, simplesmente por antes já ter-se de certa forma apreendido/vivenciado algo a respeito do tema dialogado.

As reflexões internas podem fluir por já se ter participado de uma interação prévia, com o mundo, consigo e com os outros. Esta reflexão não é algo solto, mas situado na existência dos indivíduos. A propósito, Freire (1980, p.33) diz que “Refletir sobre seu caráter de seres situados, na medida em que sejam desafiados a atuar. Os homens são porque estão situados. Quanto mais refletirem de maneira crítica sobre sua existência, e mais atuarem sobre ela, serão mais homens.”. Portanto, o homem passa a assumir uma posição de sujeito a partir do momento em que reflete acerca da sua situação e do seu ambiente concreto. Aprofundemo-nos mais na comunicação dialógica trazida por Freire.

O diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial (FREIRE, 1980, p.82 e 83).

Dada tal importância ao diálogo, é possível dizer que, no prisma educacional, dialogar não pode ser “catequizar”, mas socializar para uma reflexão-ação. Dialogar vai além de intercambiar idéias ou conversar polemizando. Mas é uma conversa que gera uma reflexão coletiva visando criar ou aprimorar ações emancipadoras dos oprimidos.

Para Freire (1980), este diálogo que é um instrumento para determinada libertação dos oprimidos deve ser desenvolvido com o amor em sua essência.

O diálogo não pode existir sem um profundo amor pelo mundo e pelos homens. Designar o mundo, que é ato de criação e de recriação, não é possível sem estar impregnado de amor. O amor é ao mesmo tempo o fundamento do diálogo e o próprio diálogo (FREIRE, 1980, p.83).

Dentro desta “necessidade”, do amor movendo o diálogo e a ação libertadora, é possível um doar-se a causa de maneira mais profunda. Na relação de dominação-opressão não há um interesse mútuo, mas um egoísmo, que não funciona dentro da perspectiva dialógica, pois poderá gerar um tipo de imposição de idéias e de ações. O amor, sentimento subjetivo que atua nas atitudes dos indivíduos, naturalmente traz consigo a humildade ao invés de arrogância, e esta humildade é imprescindível na relação dialógica.

Além do amor, o diálogo precisa fazer uso de um ingrediente chamado fé. É necessário acreditar no homem e em seu poder de transformação, mesmo quando não se tem todas as convicções em essência.

O diálogo exige igualmente uma fé intensa no homem, fé em seu poder de fazer e refazer, de criar e recriar, fé em sua vocação de ser mais humano [...]. O homem de diálogo é crítico e sabe que embora tenha o poder de criar e de transformar tudo, numa situação completa de alienação, pode-se impedir os homens de fazer uso deste poder (FREIRE, 1980, p.83 e 84).

Uma ação transformadora e libertadora é algo revolucionário. Esta revolução pode ser desencadeada a partir de uma ação de Educação Popular, o que se dá a partir do diálogo, conforme já dissemos. Para Freire (1980, p.84), “o diálogo é a própria essência da ação revolucionária.”. Diálogo e ação revolucionária andam de mãos dadas.

Podemos ainda “especular” um pouco esta temática dialógica e pensar: se uma pessoa dá uma resposta a determinado desafio, significa que a situação desafiadora dialoga com ela, mesmo que involuntariamente? Pensamos que sim. Agora pensemos este diálogo “casual” de maneira que a resposta que o indivíduo dá à situação acontece a partir de uma “carga” de crítica, reflexão, invenção, eleição, decisão, organização e ação. Neste caso funciona bem melhor, do ponto de vista libertador.

Responder aos desafios de forma coerente exige do homem o estabelecimento de relações humanas que não sejam de dominação, mas de equilíbrio, de reciprocidade de comunicação e sentimentos. Isso leva-nos a pensar o debate como um diálogo, pois podem não só participar mais de duas pessoas numa relação dialógica, de forma que todos tenham direito à voz no momento oportuno, mas transpõe o estigma de que o diálogo só acontece quando existem apenas dois indivíduos envolvidos.

Assim sendo, podemos dizer que é sadio e proveitoso debater-se sobre as possibilidades de caminhos a serem trilhados pelos oprimidos em busca da emancipação que requer um estabelecimento de uma relação dialógica adequada.

Uma vez libertos do sistema opressor, não podemos ser egoístas, e assim, devemos evitar reproduzir a relação de opressão quando estivermos em posição de “supremacia e liberdade”. Tal atitude implica em uma coerência entre o dizer e o fazer, coerência esta que se faz necessária ainda na situação de oprimido. “Afirmar que os homens são pessoas e que, enquanto pessoas, devem ser livres, mas não fazer nada para que esta afirmação se torne realidade, sem dúvida, é uma comédia” (FREIRE 1980, p.59).

Na perspectiva freireana “o diálogo não pode existir sem esperança. A esperança está na raiz da inconclusão dos homens, a partir da qual eles se movem em permanente busca. Busca em comunhão com os outros” Freire (1980, p.84). Esta inconclusão gera a vontade e o almejar algo melhor. O problema é quando este almejar é egoísta; neste caso não serve a visão dialógica.

As situações de adversidades, as agruras nas quais a sociedade se encontra inserida, onde a forma desumana de tratar e oprimir “imperam”, não podem ser tidas como motivo de desesperança, mas, considerando que a mudança gerada pela reflexão-ação tem como estímulo a esperança que se tem, pode-se tomar por incitação as situações adversas.

Distanciando-se o suficiente da realidade, um indivíduo consegue vislumbrar criticamente tal realidade. Por outro lado, quando alguém está sob dominação fica preso a uma visão limitada. A concepção de ação cultural para liberdade ou dominação pode nos ajudar a compreender melhor isto.

Temos dois tipos de ação cultural: para a liberdade e para a dominação. “Enquanto a ação cultural para a liberdade se caracteriza pelo diálogo e seu fim principal é conscientizar as massas, a ação cultural para a dominação se opõe ao diálogo e serve para domesticá-las” (FREIRE, 1980, p.91).

Segundo Gadotti (1996), o diálogo tem algumas virtudes. A primeira é o respeito aos educandos enquanto indivíduos e enquanto expressões de uma prática social. A segunda é escutar as urgências e opções dos educandos. E uma outra virtude ainda, é a tolerância para conviver com o diferente.

O processo educativo dá-se em melhores condições quando se estabelece um diálogo com o contexto social. Portanto, sendo sujeitos ao invés de objetos, agindo conscientemente e incluindo outros na proposta de interação dialógica, é possível uma multiplicação de agentes de transformação, o que apressará as mudanças esperanças trazidas pela Educação Popular.

Vemos que o diálogo e a comunicação trazem contribuições para que as pessoas compreendam melhor o mundo. Pois é se comunicando que são socializadas significações, as mais variadas, entre os indivíduos. Logo, a compreensão do mundo vem do próprio contato do indivíduo com o mundo, passando pela interação com outros seres humanos.

### 3 PNL: DEFINIÇÃO, ORIGEM E EVOLUÇÃO

A Programação Neurolingüística é um campo de conhecimento que foi descoberto nos EUA na década de 70, sendo necessário, neste estudo, discorrer sobre a sua definição, sua história, aplicações, sua fundamentação e pressupostos, para considerarmos sua ligação com a comunicação e aplicabilidade à Pedagogia Dialógica e à Educação Popular.

Estabelecer um conceito único e fechado a respeito de PNL não é coisa fácil. Esta dificuldade ocorre, por algumas razões. Para Sary (1996), primeiramente, a origem variada da PNL a faz apontar para perspectivas igualmente variadas. A segunda razão está no imenso domínio de sua aplicação (terapia, esporte, ensino, negócios). A terceira diz respeito à difusão da PNL, o que gera aplicações a problemáticas pessoais, com relação às descobertas individuais da teoria. A última razão está ligada ao seu sucesso, o que assinala um modismo e conseqüentemente um uso errôneo. Contudo, pretendemos lançar luzes sobre algumas formas de concebê-la. “Quando as pessoas ouvem esse termo pela primeira vez, pensam em informática, medicina, até mesmo em neurologia, ou no estudo da linguagem. Estão com razão, porque a PNL efetivamente remete a cada um desses domínios, sem fazer parte deles” (SARY, 1996, p.12).

Do ponto de vista de O’Connor e Seymour (1995, p.13), a PNL comporta vários conceitos, os quais podem ser encontrados em diversas partes dos seus escritos. Parafraseando estes autores, poderemos dizer que a PNL é a ciência da excelência, enquanto resultados de ações. Em seguida, é possível afirmar que a PNL corresponde à forma como as pessoas estruturam as suas experiências pessoais. É apenas uma maneira de entender a complexidade do pensamento e da comunicação do ser humano e analisar suas idéias. A PNL é um estudo sobre o que as pessoas faziam para ser excelentes em uma determinada área e como ensinar esta habilidade a outras pessoas. É ainda considerada arte e ciência.

[...] arte porque cada pessoa imprime sua personalidade e seu estilo àquilo que faz, algo que jamais pode ser apreendido através de palavras ou técnicas. E é ciência porque utiliza um método e um processo para determinar os padrões que as pessoas usam para obter

resultados excepcionais naquilo que fazem. Este processo chama-se modelagem, e os padrões, habilidades e técnicas descobertos através dele estão sendo cada vez mais usados em terapia, no campo educacional e profissional, para criar um nível de comunicação mais eficaz, um melhor desenvolvimento pessoal e uma aprendizagem mais rápida (O'CONNOR e SEYMOUR, 1995 p.19).

Quando pensamos o desenvolvimento pessoal, não o vemos como algo egoísta e isoladamente, mas o fortalecimento do pessoal ganha sentido quando passa a ser utilizado no coletivo. Por exemplo, um indivíduo que consegue aprimorar a sua comunicação pessoal galgando nível considerável, certamente melhor contribuirá para a coletividade da qual faz parte.

No sentido usual, Sary (1996) afirma que a PNL é uma tecnologia da comunicação e da mudança.

A partir das concepções da PNL apresentadas aqui consideramos que ela pode proporcionar aos indivíduos, que com ela tiverem contato, uma habilidade em compreender-se melhor, compreender o outro e compreender o mundo no qual estão inseridos para que assim possam alcançar resultados eficientes.

Para Sary (1996, p.7), a Programação Neurolingüística “surgiu de diferentes matérias e se inspirou na Linguística, na Psicologia, na Cibernética, na Informática...”. É uma descoberta recente com pouco mais de trinta anos de existência.

A Programação Neurolingüística começou no início da década de 70 a partir do trabalho conjunto de John Grinder - na época professor-assistente do Departamento de Linguística da Universidade da Califórnia, em Santa Cruz - e Richard Bandler, que estudava psicologia na mesma universidade. Richard Bandler também se interessava por psicoterapia. Juntos eles estudaram três grandes terapeutas: Fritz Perls, um psicoterapeuta inovador que fundou a escola terapêutica chamada Gestalt; Virginia Satir, a extraordinária terapeuta familiar que conseguia solucionar relacionamentos familiares difíceis, considerados intratáveis por muitos outros terapeutas; e Milton Erickson, um hipnoterapeuta reconhecido mundialmente (O'CONNOR e SEYMOUR, 1995, p.20).

Em conformidade com O'Connor e Seymour (1995), a intenção de Bandler e Grinder não era iniciar uma nova escola de terapia, mas apenas identificar os padrões utilizados por

terapeutas, a fim de socializá-los a outras pessoas. Queriam produzir modelos de terapia que funcionassem na prática e pudessem ser ensinados. Desta forma, buscaram estudar três terapeutas, os quais usavam padrões semelhantes, e reconstruíram esses padrões desenvolvendo um modelo capaz de fazer eclodir uma comunicação mais eficaz.

Estas descobertas foram publicadas entre 1975 e 1977 em quatro livros: *A estrutura da Magia*, *A estrutura da Magia 2*, *Patterns e Patterns 2*. Segundo Steve (1995), este primeiro livro foi resultado da “tese” de mestrado de Richard baseado nos estudos feitos sobre os trabalhos de Fritz Perls (fundador da Gestalt), de Virgínia Satir (terapeuta familiar) e do filósofo Gregory Bateson, pensador de sistemas.

A partir daí, foram se expandindo as publicações sobre Programação Neurolingüística, tanto de autoria de Bandler e Grinder quanto de vários outros autores.

Para O'Connor e Seymour (1995), Gregory Bateson, antropólogo britânico autor de livros sobre Comunicação e Teoria dos Sistemas, Biologia, Cibernética, Antropologia e Psicoterapia, contribuiu em muito para o trabalho de Bandler e Grinder. Dentre as suas contribuições, destaca-se também o princípio ecológico da PNL, segundo o qual, se deve agir levando em consideração o “meio-ambiente” de maneira mais geral. Neste sentido, devemos agir sem desprezar os outros indivíduos.

A estrutura final dos objetivos é a ecologia. Ninguém existe sozinho; fazemos parte de sistemas maiores: na família, nosso ambiente de trabalho, nossos amigos e colegas de trabalho e a sociedade em geral. É bom levar em consideração as conseqüências de se atingir o objetivo dentro do contexto desses relacionamentos mais amplos (O'CONNOR e SEYMOUR, 1995, p. 30).

Levantamos aqui uma reflexão em torno da ação coletiva que se pretende desenvolver com a Educação Popular. Neste processo de ação, deve estar presente o princípio ecológico da PNL, pois se tratando de pessoas, de pensar no outro, no grupo como um todo, é imprescindível esta aplicação. É possível ainda percebermos que as minorias, que estão em posição de poder gozando de privilégios e regalias em detrimento de outros seres humanos que sofrem numa situação de opressão, não agem ecologicamente. Portanto, a luta e as mobilizações populares em busca dos próprios direitos é uma atitude comportamental ecológica.

A PNL desenvolveu-se identificando padrões de excelência em qualquer âmbito e expondo formas mais hábeis de pensar e se comunicar. Até 1976, mesmo já havendo sido publicados, os estudos de Bandler e Grinder não tinham o nome de Programação Neurolingüística e ainda não havia a abreviação “PNL”. Diante disto acontece que:

Na primavera de 1976, Bandler e Grinder se reuniram para rever as conclusões e descobertas que haviam feito. Após 36 horas chegaram a uma pergunta: Como vamos chamar isto? A resposta foi “Programação Neurolingüística”, uma expressão que compreende três idéias simples. A parte “Neuro” da PNL reconhece a idéia fundamental de que todos os comportamentos nascem dos processos neurológicos da visão, audição, olfato, paladar, tato e sensação. Percebemos o mundo através dos cinco sentidos. “Comprendemos” a informação e depois agimos. Nossa neurologia inclui não apenas os processos mentais invisíveis, mas também as reações fisiológicas a idéias e acontecimentos. Uns refletem os outros no nível físico. Corpo e mente formam uma unidade inseparável, um ser humano. A parte “Lingüística” do título indica que usamos a linguagem para ordenar nossos pensamentos e comportamentos e nos comunicarmos com os outros. A “Programação” refere-se a maneira como organizamos nossas idéias e ações a fim de produzir resultados (O’CONNOR e SEYMOUR, 1995, p.21).

O termo programação tem ainda uma ligação com informática e sistemas eletrônicos.

Para O’Connor e Seymour (1995), a PNL trata da estrutura da experiência humana subjetiva, de como o indivíduo organiza o que vê, ouve e sente, filtrando o mundo exterior através dos sentidos. Nesta visão, a PNL tem aberto um leque de experiências e aplicações, diversificadas das quais são enfatizadas aqui as interligadas à Comunicação e à Educação.

### *3.1 A que se aplica a PNL*

Para O'Connor e Seymour (1995, p.20) a PNL “nos ensina a entender e a modelar nossos sucessos, para que possamos repeti-los. Trata-se de uma maneira de descobrir e revelar nossa genialidade, nossa forma de darmos o melhor de nós e de extrairmos o melhor dos outros”.

Para estes autores, a PNL apresenta uma série de técnicas extremamente eficazes que podem ser usadas no campo da educação, da terapia e do mundo profissional. No entanto, requer que cada indivíduo saiba o que quer e que esteja alerta e receptivo ao que está conseguindo tendo flexibilidade para continuar mudando até conseguir o que quer.

A PNL, na visão de Sary (1996), é tratada de modo equivocado, o que conduz as pessoas a pensarem incorretamente a respeito dela. Conforme este autor, a PNL pode ser usada em quatro áreas básicas: Relação de ajuda (terapia, trabalho de mudança, desenvolvimento pessoal); Empresa/Organização (Gerenciamento, venda, recrutamento, formação, estudos e conselhos); Desempenho (esporte, desenvolvimento das capacidades, evolução pessoal); Pedagogia (ensino, educação, formação, aprendizagem). Ora, este último campo é o que nos interessa, e sobre ele nos deteremos na parte final deste estudo.

### **3.2 Áreas que inspiram e fundamentam a PNL**

Faz-se necessário neste momento discorrer, mesmo que de maneira sintetizada, a respeito das áreas que inspiraram a PNL, a saber, Cibernética, Psicologia, Linguística e Informática. De acordo com Littlejohn (1982, p.48), a Cibernética é “o estudo da regulação e controles em sistemas com ênfase sobre a natureza do sistema”. Neste ângulo de visão é interessante também pensarmos a teoria dos sistemas como contribuinte indireta para a PNL.

A cibernética trata dos métodos pelos quais os sistemas (e seus subsistemas) usam o seu *output* para aferir o efeito e realizar os ajustes necessários. O mais simples dispositivo cibernético consiste num sensor, comparador e ativador. O sensor fornece o feedback ao comparador, o qual por seu turno, fornece orientação ao ativador. Este, por sua vez, produz um output para afetar o meio ambiente de algum modo. Esse processo fundamental de output-feedback-ajustamento é o tema central da cibernética (LITTLEJOHN, 1982, p.48).

Após 1943, começaram a acontecer encontros com cientistas de diversas áreas. Através destes encontros a Cibernética se expandiu, as suas aplicações estenderam-se, inclusive, a problemas estritamente humanos. Assim, mais tarde a PNL surge, utilizando alguns princípios cibernéticos, de forma indireta, (por já está presente nas entrelinhas da psicologia cognitiva) e também direta.

Diante disto, é extremamente relevante que seja admitido que os estudos cibernéticos tiveram grande importância para a psicologia cognitiva e para a PNL. Portanto, o presente

estudo dissertativo não poderia ser desprovido destes breves esclarecimentos.

A psicologia é a ciência que estuda os processos mentais e comportamentais humano.

Para Davidoff (1983) a psicologia se divide em várias vertentes: cognitiva, gestalt, do desenvolvimento, humanística, social e clínica. O psicólogo pode ter atuação clínica, orientadora, experimental, escolar, educacional, organizacional, social, comunitária dentre outras.

O Dr. Frederick Perls, conhecido por Fritz, é considerado como iniciador da gestalt-terapia. Este foi um dos terapeutas que tiveram os seus padrões estudados e modelados pelos descobridores da PNL.

Para Davidoff (1983, p.17), a Gestalt tem sua “ênfase na percepção, no pensamento e na resolução de problemas”. Segundo afirma, esta “corrente” tem como principal objetivo o conhecimento. Preconiza metodologicamente a “introspecção informal, métodos objetivos”, tendo como população estudada pessoas, e ocasionalmente outros primatas.

Além da Gestalt, a PNL recebeu grandes influências dos conceitos de psicanálise. Trabalhou a partir de conceitos como os de consciente e inconsciente, sobretudo os usados pelo doutor Milton H. Erickson, M.D., fundador da Sociedade Americana de Hipnose Clínica.

De acordo com Andreas e Faulkner (1995), Erickson era fascinado pelo comportamento humano e observava desde cedo “como a família e os amigos reagiam uns aos outros, consciente e inconscientemente”. Milton era formado em Medicina e Psicologia, o que lhe proporcionou um profundo conhecimento e sensibilidade à questão da linguagem e do comportamento e isto desencadeou uma grande habilidade hipnótica, de onde Bandler e Grinder modelaram parte da linguagem (hipnótica) e aplicaram aos seus estudos de PNL.

A combinação das legendárias técnicas de hipnotização do dr. Erickson e as técnicas de modelagem de Bandler e Grinder forneceram a base para a explosão de novas técnicas terapêuticas. O trabalho deles junto com o dr. Erickson confirmou que haviam encontrado uma forma de compreender e reproduzir a excelência humana. (ANDREAS e FAULKNER, 1995, p.36).

Ainda no tocante à psicologia, é importante ressaltar que foram copiados os padrões de uma grande terapeuta familiar, conhecida como Virginia Satir, que conseguia através da sua habilidade comunicativa, encaminhar resoluções para problemas de extremo grau de complexidade. Sua contribuição foi de grande importância, para o trabalho de conceitos tradicionais acerca de família, pois via na formação do núcleo familiar o objetivo de criação, sustento e direcionamento de seus membros de maneira que o relacionamento sexual do casal fosse socialmente aceitável. Apesar das idéias tradicionais, na prática o resultado que

alcançava era satisfatório.

A princípio Bandler e Grinder desconheciam o que esta terapeuta fazia para alcançar os resultados, mas conhecia os meios para modelá-los. A respeito desta “cópia” de padrões, os autores expõem até que ponto chegava.

Se você vir e ouvir Virgínia Satir trabalhando, você será confrontado com uma massa avassaladora de informações – o modo como ela se movimenta, seu tom de voz, modo como ela toca, a quem se dirige a seguir, quais as pistas sensoriais que está usando para orientar-se na direção deste ou daquele membro da família, etc. É realmente uma tarefa exaustiva tentar rastrear todas as coisas que ela está usando como pistas, as repostas que está dando a tais pistas e as que elicia dos outros (BANDLER e GRINDER, 1982, p.23).

Os padrões utilizados por Satir para alcançar a empatia e *feedbacks* positivos de seus pacientes tiveram grande contribuição para a parte da PNL que buscava estabelecer um relacionamento interpessoal mais aguçado nos indivíduos. Bandler e Grinder (1986) afirmavam que Satir era uma pessoa a ser estudada, se quiséssemos aprender mais.

Saindo da psicologia familiar de Satir, é possível contemplar as contribuições da terapia baseada na teoria dos sistemas, a qual chegou indiretamente a PNL por intermédio de influências do trabalho de Gregory Bateson.

A Teoria geral dos Sistemas, a qual teve as suas bases lançadas em 1933 por Bertalanffy contribuiu significativamente para a PNL, uma vez que um dos seus pressupostos é que “mente e corpo são parte do mesmo sistema” (STEVE e ANDREAS, (1995, p.21).

Diferentemente desses autores, Sary (1996, p.35) apresenta como décimo pressuposto da PNL a proposição “o corpo e o espírito fazem parte do mesmo sistema cibernético e se afetam mutuamente”. A cibernética e teoria matemática da informação forneceram princípios para o surgimento da Teoria Sistêmica.

Uma teoria cujos princípios forneceram um instrumento de ação mobilizado para fins estratégicos durante a segunda guerra. Bertalanffy utiliza o termo “função” vinculando-o aos “processos vitais ou orgânicos, à medida que contribuem para a manutenção do organismo”. A ambição do sistemismo é pensar globalidade, a interação entre os elementos mais do que as causalidades, apreender as complexidades dos sistemas como conjuntos dinâmicos de relações múltiplas e cambiantes (MATTELART, 1999, p.62).

Sistemicamente pensando, mente e corpo estão interligados, em uma afetação recíproca. Desta forma, uma vez que corpo e mente são subsistemas de um sistema mais

complexo que é o ser humano, um ou outro subsistema sendo afetado reflete no outro circularmente.

É importante ressaltar a contribuição da lingüística para a PNL, a qual aparece no próprio termo “neurolingüística”.

Mattelart (1999, p.86) atribuindo a teoria do sistema lingüístico a Saussure, expressa que “os três cursos de lingüística que Ferdinand de Saussure (1857-1913) ministra entre 1906 e 1911 na Universidade de Genebra são reconhecidos como fundadores dos métodos desta teoria”. Esta lingüística vai décadas depois influenciar a PNL, uma vez que um dos seus criadores também é lingüista e atuou como professor universitário nesta esfera.

Enquanto instituição social, a língua é um sistema organizado de signos, que exprimem idéias; representa o aspecto codificado da linguagem. A lingüística tem por tarefa estudar as regras desse sistema organizado por meio das quais ele produz sentido. A linguagem pode ser segmentada; trata-se de descobrir as oposições, as diferenças que permitem a língua funcionar e significar (MATTELART, 1999, p.86).

John Grinder, conforme já mencionado anteriormente, era Professor Adjunto do Departamento de Lingüística da Universidade da Califórnia, com uma vivência na área lingüística, incorporada aos conceitos e procedimentos neurolingüísticos.

Se os padrões de comportamento forem tomados como padrões lingüísticos, e se forem copiados e reproduzidos, acreditamos que será possível que se alcance resultados semelhantes aos atingidos pelos seus atores iniciais.

Além da lingüística, que ajudou a PNL a compreender a linguagem verbal e não verbal, e da psicologia que contribuiu com as noções de consciente e inconsciente, a informática também deixou as suas marcas. Em relação à informática, a sua importância é vista de maneira mais evidente dentro de uma perspectiva cibernético-sistêmica.

Um princípio da informática que é possível encontrarmos no sistema neurofisiológico humano é a codificação. De um lado, o computador capta informações por intermédio dos seus equipamentos periféricos, incluindo o *modem*, e codifica em unidades numéricas, lançando de volta para o indivíduo que o opera em forma de imagem virtual ou impressa. De outro lado, semelhantemente o cérebro humano processa informações captadas através dos equipamentos periféricos humanos, ou seja, os sentidos “visão, audição, tato, olfato e paladar, pelo menos a priori”, ou ainda conforme a PNL, canais sensoriais: visual, auditivo e cinestésico (tato, olfato, paladar).

Mais uma vez, é possível notar o quanto é difícil pensar a Programação Neurolingüística sem pensar em sistemas. O nosso cérebro e sistema nervoso selecionam as informações importantes ou úteis, ocupando-se apenas das necessárias, uma vez que a maneira como a mente humana pensa o mundo é subjetiva. Portanto, nesta perspectiva, podemos afirmar que o cérebro é semelhante a um computador.

### **3.3 Pressupostos da PNL**

Os pressupostos ou postulados básicos da PNL servem de embasamento para a “filosofia” da PNL. Dizem respeito à comunicação, à linguagem (verbal ou não verbal), ao comportamento e à mudança (para si e para o outro). Tais postulados não nasceram necessariamente dentro da PNL, mas foram tirados de outras ciências e técnicas. Assim, a PNL os incorporou para melhor estruturar as suas práticas.

Os pressupostos da PNL variam em certa medida de um autor para outro, sem perder a essência. Para Sary (1996) os postulados da PNL são:

- 1- *O sentido da comunicação é a resposta que se obtém.* Isto quer dizer que o importante não é o que se diz ou se pretende necessariamente, mas a reação que é despertada no outro pelo que ele entendeu. A percepção desta reação (verbal ou não verbal), ou seja, o *feedback* é o que direciona os procedimentos seguintes do comunicador.
- 2- *O mapa não é o território.* Assim como o mapa do Brasil não é o Brasil, os mapas mentais não são a realidade, mas a representação que é feita desta. Neste caso a comunicação consiste em descobrir os mapas dos nossos interlocutores para assim alcançar os seus mundos representacionais, sem se deixar ser atingido.
- 3- *A linguagem é uma representação secundária da experiência.* Primeiramente, há um estímulo exterior. Em seguida, é representado internamente e só então acontece a descrição da experiência pela linguagem.
- 4- *A maior qualidade da informação é comportamental.* Isto quer dizer que o comportamento não verbal de uma pessoa fala mais alto que as próprias palavras. Assim deve haver congruências entre as palavras e os gestos, tom, intensidade e ritmo da voz. Uma pessoa não deve falar “sim” sinalizando com a cabeça o “não”. Qualquer incongruência entre o que a pessoa acredita e o que ela verbaliza pode ser expressa

pelo seu corpo ou sua voz.

- 5- *É útil fazer uma distinção entre si mesmo e os comportamentos.* Não confundir o que uma pessoa faz com o que a pessoa é. O comportamento de um indivíduo não é a identidade dele. Mas isto não anula a responsabilidade social, ética e jurídica de um indivíduo. Com relação à aprendizagem não podemos dizer que um aluno é ruim nisso ou naquilo pelo fato dele ter tirado uma nota baixa, por exemplo.
- 6- *O comportamento presente é a melhor opção válida para uma pessoa.* A forma como uma pessoa se comporta é a melhor opção ou maneira que pode fazer. Se só temos uma opção, esta é a melhor. Se dispomos de uma variedade, então o comportamento é a melhor dentre várias opções. Se um aluno só sabe fazer uma conta de uma maneira, certamente esta é a melhor forma. Mas se este dispuser de cinco formas para resolver a conta, poderá escolher a melhor de acordo com as circunstâncias.
- 7- *O comportamento está voltado para a adaptação.* O que um indivíduo executa e a forma como faz isto é para adaptar-se ao ambiente e contexto no qual está inserido. Logo, a adaptação garante a evolução e permanência da vida humana.
- 8- *O comportamento pode ser avaliado e apreciado ou mudado para ser apropriado ao contexto.* O comportamento não se dá isoladamente, mas dentro de um contexto, o qual pode solicitar mudanças dependendo do resultado avaliativo.
- 9- *Cada comportamento contém uma intenção positiva, é útil, significa alguma coisa, tem um sentido.* Por mais negativa que pareça uma determinada situação, a pessoa que a proporcionou teve uma intenção positiva, ao menos em sua representação. Isto não muda a situação, mas podemos mudar a forma de representá-la.
- 10- *O corpo e o espírito fazem parte do mesmo sistema cibernético e se afetam mutuamente.* Este conceito cibernético diz que não se pode conceber o corpo separado do espírito, pois um age sobre o outro, e trabalham conjuntamente em um pensar-sentir-agir.
- 11- *Lei da variedade requerida: o elemento de um sistema que tem mais opções controla esse sistema.* Quanto mais um ser humano tiver opções e possibilidades, mais poderá agir. Quanto mais opções mais pode-se fazer tentativas até conseguir o que se quer. Logo, haverá um destaque e um controle dos indivíduos que dispuserem de mais opções de ações.
- 12- *Uma pessoa tem em si os recursos necessários para mudar.* De alguma maneira todo indivíduo tem capacidade de mudar. Esta capacidade está dentro de cada um assim como os recursos necessários.

- 13- *O que é possível no mundo é possível para mim; a questão é saber “como”*. A PNL se importa com o “como”. Desta forma, é possível romper os limites das pessoas, assim como no mundo já existem limites superados. Se algo é humanamente realizável então qualquer ser humano poderá realizá-lo.
- 14- *O que se chama “fracasso” deve ser considerado como feedback*. Deve-se pensar positivamente a respeito de determinados resultados atingidos na vida, uma vez que é importante compreender que os *feedbacks* são oportunidades de crescimento, aprendizagem, correção e persistência.

### **3.4 “Princípios” comunicacionais e peculiaridades individuais**

A PNL faz uso de diversos conhecimentos para proporcionar aos indivíduos uma melhor desenvoltura na comunicação. Primeiramente, é fundamental que se compreenda como cada um expressa o seu modelo de mundo. Isso reflete diretamente na forma como cada pessoa se socializa e se comunica nos mais variados contextos.

As peculiaridades individuais envolvem aprendizagem e socialização. No sentido socializador, a PNL auxilia a compreensão da forma como as pessoas pensam e processam informações, ou seja, como elas captam, fixam, recuperam e transmitem conhecimentos. Entender o outro melhor, tem impacto imediato no relacionamento interpessoal, pois este entendimento gera conscientização e respeito para com os outros e suas ações.

A PNL trabalha de uma maneira mais generalizada o aprimoramento da comunicação dos indivíduos com eles, com os outros e com o mundo visando o alcance da excelência nas mais diversas áreas da vida, conforme já esclarecido. Mas quais os conceitos e mecanismos usados para isto? A resposta será dada a partir dos teóricos e da nossa compreensão crítico-reflexiva.

Qualquer indivíduo pode aumentar a sua eficiência no campo pessoal e profissional a partir do aprimoramento da comunicação. Para compreender como é que pode se dar este aprimoramento a partir da PNL, se faz necessário entender alguns mecanismos. A princípio, é preciso entender a questão do mapeamento que cada pessoa faz do mundo exterior e os filtros que usa para assimilar este mundo, o qual precisa ser simplificado pelos indivíduos para que venha a ter sentido, uma vez que este “cosmo” é extenso, complexo e abundante.

Cada indivíduo vê o mundo com uma ótica diferenciada. Esta diferenciação pode ser

encarada como algo positivo ou negativo, dependendo da maturidade das pessoas. É neste ponto que a PNL faz com que a compreensão que o “outro” tem da realidade venha a somar e não se chocar.

Observando uma controvérsia conceitual qualquer, compreende-se que o conflito de ideologias diferenciadas que é estabelecido entre os indivíduos não pode ser levado para o caráter pessoal, mas deve ser mantido na esfera dos conceitos. Isto evita problemas de conflitos entre seres humanos, que em estado de tranqüilidade tendem a uma harmonia comunicativa. O’Connor e Seymour (1995) argumenta de maneira mais fundamentada enquanto PNL.

Usamos os nossos sentidos para explorar e mapear o mundo exterior, uma infinidade de possíveis impressões sensoriais das quais somos capazes de perceber apenas uma pequena parte. Esta parte que podemos perceber é filtrada por nossas experiências pessoais e únicas, nossa cultura, nossa linguagem, nossas crenças, nossos valores, interesses e pressuposições. Vivemos em nossa própria realidade, construída a partir de nossas impressões sensoriais e individuais da vida, e agimos com base no que percebemos do nosso modelo de mundo (O’CONNOR e SEYMOUR,1995, p.22).

Para obter êxito na vida, inclusive no tocante à comunicação, é preciso que se saiba aquilo que se quer e o que os outros querem. A partir de então, devem ser percebidos os recursos que se tem e então parte-se para cumprir o objetivo. Neste caso, a comunicação intrapessoal, que é aquela que o indivíduo tem consigo mesmo, tem importância fundamental. Nessa comunicação, as perguntas que cada pessoa se faz devem ser as certas, para que as respostas sejam promissoras.

Isto pode interligar-se a outra idéia, a de que internamente já se possui, ou pode-se criar, os recursos necessários. Assim, a comunicação interpessoal contribui significativamente para o alcance daquilo que queremos, tanto coletiva quanto individualmente.

Também precisa ser explicitado, mesmo que de maneira sintética, é que, segundo O’Connor e Seymour (1995), a aprendizagem ocorre em quatro estágios. O primeiro – “incompetência inconsciente”, acontece quando um indivíduo não sabe que não sabe, e, portanto, não tem dúvidas por não conhecer nada a respeito do objeto. O outro estágio – “incompetência consciente”, ocorre quando um indivíduo já sabe que não sabe, por exemplo, quando alguém tem consciência que não sabe dirigir um automóvel.

O terceiro estágio – “competência consciente”, no qual conseguimos desenvolver uma atividade com certa perfeição, mas prestando atenção ao que se está fazendo. Por exemplo, a pessoa já sabe dirigir um carro, contudo faz isto atentando para cada comando. Finalmente

chega-se ao estágio da “competência inconsciente”. Este estágio é atingido quando um indivíduo desenvolve um determinado trabalho de forma automática.

Seguindo a nossa linha de exemplificação, este estágio acontece quando o indivíduo entra no automóvel e, conversando com um amigo simplesmente, liga o carro e dá partida sem pensar algo como: vou ligar a chave, engrenar a primeira, acelerar... Neste estágio, as ações se dão automaticamente. É a maestria. Desta mesma forma, é interessante que se atinja este estágio no que diz respeito ao domínio das habilidades comunicativas. É possível dentro do ato comunicativo perceber a reação do outro indivíduo que, por sua vez, provoca outra reação. Isto quer dizer que há uma reação interna às “comunicações” das outras pessoas, e esta reação normalmente é externada verbal ou corporalmente, uma vez que comunicação não se resume a palavras.

A comunicação envolve muito mais do que apenas palavras. As palavras são apenas uma pequena parte da capacidade de expressão como seres humanos. Estudos demonstram que numa apresentação diante de um grupo de pessoas, 55% do impacto, são determinados pela linguagem corporal – postura, gestos e contato visual -, 38% pelo tom da voz e apenas 7% pelo conteúdo da apresentação (MEHRABIAN e FERRIS, *apud* O’CONNOR e SEYMOUR, 1995, p.34).

Isto mostra que a expressão verbal e a corporal interferem no significado daquilo que é dito. Uma mesma palavra, dependendo da forma como for dita, pode expressar carinho, raiva, fome, cansaço, alegria, tristeza ou qualquer outra coisa.

Para O’CONNOR; SEYMOUR (1995, p.35), “as palavras são o conteúdo da mensagem, e a postura, os gestos, a expressão e o tom da voz são o contexto no qual a mensagem está embutida. Juntos, eles formam o significado da comunicação”. Desta forma, para que a outra pessoa entenda o que se pretende expressar, é preciso que se tenha um objetivo pré-definido para comunicação. Assim, a partir dos *feedbacks* obtidos é possível modificar o que está sendo dito ou como está sendo expresso verbal e não verbalmente, até que se atinja o objetivo da ação comunicativa.

De acordo com o primeiro postulado da PNL, o importante na comunicação muitas vezes não é o que se diz, mas o que o outro entende. As técnicas aqui apresentadas, contribuem para que os indivíduos se tornem melhor entendedores das mensagens que os outros transmitem e ainda melhores comunicadores, no sentido da transmissão. Isto conduz a pensar questões éticas e ecológicas, uma vez que a PNL é um instrumento que pode ser usado

para influenciar algum indivíduo ao bem ou à prática do mal.

Trataremos a seguir, da forma como se comporta no aspecto comunicacional. A princípio, em uma situação comunicativa é interessante que seja estabelecida uma sintonia entre os agentes humanos, a qual é denominada na PNL de “*rappori*”. E este muitas vezes trabalha em parceria com o espelhamento.

### **3.4.1 *Rappori*, espelhamento e predicados**

O *rappori* auxilia na criação de um clima de participação e de confiança. Para Ribeiro (1993, p.54), *rappori* “é entrar no mundo da outra pessoa e estabelecer com ela uma comunicação plena, uma perfeita conexão... é encontrar a outra pessoa onde ela se encontra. É falar com ela verbal e não verbalmente: ‘Eu sou igual a você. Você pode confiar em mim!’ ”.

Para que seja estabelecido o *rappori* dentro de um ato comunicativo, é importante que se considere mais um conceito que a PNL traz. Trata-se dos canais de captação e processamento de informações, os quais já foram citados no início deste estudo e agora serão melhor esclarecidos.

Sary (1996) diz que o ser humano se expressa por meio de predicados visuais auditivos e cinestésicos. Em sua concepção, predicados são palavras, verbos, adjetivos, advérbios, enfim, expressões.

Os predicados refletem, pois, o mundo da experiência do sujeito e nos informa sobre o seu modo de estruturar suas experiências e suas representações. Temos aqui, portanto a tendência a privilegiar mais um canal do que outro. Para assinalar em que registro se exprime o seu interlocutor, escute os predicados de que ele se serve (SARY, 1996, p.57).

Na linguagem verbal das pessoas, encontram-se os predicados visuais, auditivos e cinestésicos. Mas além de tais predicados serem expressos verbalmente, pode-se perceber o predicado que está sendo usado através da observação da expressão corporal, sobretudo no que diz respeito aos olhos.

Algumas palavras quando verbalizadas já indicam diretamente o canal que está sendo usado predominantemente. O fato de um canal predominar não nega que os outros também estejam sendo usados em alguma proporção. Para indicar essa questão de maneira prática, Robbins (1987) apresenta uma lista de predicados que indicam o uso auditivo, visual ou

cinestésico:

**PALAVRAS PREDICADAS:** **Visual** – vê, olha, observa, aparece, mostra, amanhece, revela, prevê, ilumina, fásca, claro, nevoento, concentrado, nebuloso, cintilante, cristalino, clarão, imagina. **Auditiva** – ouve, escuta, som(ns), faz música, harmoniza, sintoniza/ou não, ser todo ouvidos, tocar um sino, silêncio, ser ouvido, ressoa, surdo, dissonância afina, inaudível, tons altos, pergunta. **Cinestésica** – sente, toca, aperta, segura, escapa através, compreende, entra em, faz contato, expulsa, gira, duro, insensível, concretiza, arranha, não se move, sólido, tem controle, sofre (ROBBINS, 1987, p.100).

Ao notar a predominância (visual, auditiva ou cinestésica) do vocabulário da pessoa, pode-se também passar a usar palavras e frases atendendo os “anseios” da pessoa. Isto é uma forma de se estabelecer uma sintonia, *rapport*. Este acontece quando há uma relação de igualdade e confiança, no sentido da comunicação.

De acordo com Robbins (1987), uma mesma situação pode ser percebida de diversas formas, dependendo da linguagem que estiver sendo usada pela pessoa. Por exemplo, a informação geral “eu lhe compreendo” pode ser vista pela pessoa predominantemente visual como “eu vejo seu ponto”. Já a pessoa auditiva usará a expressão “eu ouvi o que você estava falando”. E a cinestésica dirá (ou pensará) “eu me senti tocado com o que você estava falando”. Assim, é relevante que se compreenda que cada pessoa observa o mundo de uma maneira própria, e esta compreensão pode auxiliar nas práticas comunicativas.

É possível que o *rapport* seja atingido por meio de “técnicas” como a do espelhamento, que consiste em espelhar, ou seja, “imitar” a outra pessoa, ficar na mesma posição dela. Este é parte do espelhamento não verbal. O verbal está ligado ao uso das palavras que a outra pessoa usa.

Quando duas pessoas conversam, harmoniosamente, as posturas corporais delas tendem a ser idênticas.

Quando a pessoa acompanha a realidade do outro, espelhando-a, consegue um relacionamento de confiança, o que a coloca em posição de utilizar a realidade do outro de um modo que a modifique. O espelhamento não verbal é um mecanismo inconsciente poderoso que todo ser humano usa para se comunicar efetivamente. Olhando as pessoas se comunicando entre si, num restaurante, pode-se prever se estão ou não se comunicando bem, através da observação de suas posturas e movimentos (BANDLER e GRINDER, 1982, p.97).

Pode-se ainda espelhar, além do vocabulário e postura corporal, as piscadas de olhos, a respiração e a voz. Para Bandler (1982, p.96), “espelhar e conduzir é um padrão evidente em quase tudo o que fazemos. Sendo realizado delicada e suavemente, funcionará com qualquer

pessoa”. Quanto à voz pode-se espelhar, segundo Robbins (1982), a tonalidade, fraseado, pausas, velocidade e volume.

Podemos espelhar a cultura da outra pessoa, respeitando assim os seus costumes e tradições. Consideramos ainda espelhamento, as situações em que as pessoas se vestem em conformidade com determinados ambientes. Quando entramos em *rapport* com uma pessoa, conseguimos conduzir esta pessoa, pois neste nível, ela é quem começa, inconscientemente a nos “espelhar”.

A técnica de espelhamento e condução é uma idéia básica da PNL. Inclui empatia e respeito pelo modelo de mundo dos outros, pressupõe uma interação positiva e é uma maneira poderosa de chegar a um acordo ou a um objetivo comum. Para termos sucesso no espelhamento e na condução, precisamos prestar atenção no outro e ter um comportamento bastante flexível para reagir àquilo que vemos e ouvimos. A PNL é a arte marcial da comunicação: é graciosa, prazerosa e muito eficiente (O’CONNOR e SEYMOUR, 1995, p.40).

Outra coisa que pode ser feita para atingir-se o *rapport* é ouvir a outra pessoa, dando-lhe toda a atenção necessária. Quando isto é feito, a outra pessoa se sente muito bem e conseqüentemente se abre àquilo que vier a ser falado de nossa parte. É escutando que se conquista o direito de ser escutado. A seguir, descrevemos mais um recurso que a PNL utiliza. As pistas visuais.

### **3.4.2 Indícios de acesso**

É possível, por exemplo, saber se uma pessoa está criando ou lembrando algo apenas observando os movimentos dos seus olhos. Observando o olhar do outro é possível saber a forma como ela está pensando, o que é diferente de saber o que a pessoa está pensando. Um trecho de um artigo do *site* “o golfinho” relata bem isto.

Conforme Robbins (1987), olhando para cima (ou na horizontal) e à esquerda a pessoa está se recordando de algo. Olhando para cima (ou na horizontal) e à direita, está criando algo. Daí deduz-se que se uma pessoa estiver mentindo (criando) ela estará olhando à direita (horizontalmente ou acima). Quando esta pessoa estiver a recordar um fato realmente acontecido, ela estará olhando para a direita (horizontalmente ou acima). Esta “regra” se

aplica a 90% das pessoas, independentemente delas serem destras ou canhotas.

De acordo com Robbins (1987), há outros indícios de acesso, sendo possível perceber o estado da outra pessoa observando a cor da sua pele, pois esta, em situação constrangedora, inclusive quando a pessoa está mentindo, fica avermelhada, ou esbranquiçada.

O'Connor e Seymour (1995) fornecem dicas importantes para que se tenha acesso ao tipo de processamento (cinestésico, auditivo ou visual) que os indivíduos usam.

A pessoa que está pensando em termos visuais geralmente falará mais depressa e num tom de voz mais alto. Como as imagens surgem rapidamente no cérebro, a pessoa tem que falar rápido para poder acompanhá-las. A respiração será mais curta e mais restrita a parte superior do peito. Quase sempre há um aumento da tensão muscular, sobretudo nos ombros, a cabeça se manterá ereta e o rosto ficará mais pálido do que é normalmente.

As pessoas que pensam em termos sonoros respiram de maneira mais uniforme. Geralmente há movimentos rítmicos curtos do corpo e a tonalidade da voz é clara, expressiva e ressonante. A cabeça mantém-se bem equilibrada sobre os ombros, ou levemente inclinada, como se a pessoa tivesse ouvindo algo. As pessoas que conversam consigo mesmas geralmente inclinam a cabeça para um dos lados, apoiando-a na mão ou punho. Essa postura é conhecida como “posição do telefone”, porque lembra a de uma pessoa falando através de um telefone invisível. Algumas pessoas chegam a repetir o que acabaram de ouvir internamente, de modo que é possível perceber os movimentos dos seus lábios.

O acesso cinestésico caracteriza-se por uma respiração profunda e mais localizada na área do estômago, quase sempre acompanhada de relaxamento muscular. Como a cabeça pende para baixo, a voz terá uma tonalidade mais grave, e a pessoa falará lentamente, fazendo longas pausas. A famosa escultura de Rodin, o pensador, exprime um pensamento cinestésico (O'CONNOR e SEYMOUR, 1995, p.56 e 57).

Para O'Connor e Seymour (1995), a parte que está sendo usada no corpo pode ser indicada por outra parte do mesmo corpo. Ao usar o sistema auditivo, a pessoa pode apontar para os ouvidos.

O mesmo acontece quando a pessoa está pensando em termos visuais e aponta para os olhos. Em alguns casos, as pessoas que estão processando informações cinesteticamente tendem a tocar o abdômen. Esta é uma forma refinada de decodificação de linguagem corporal.

Falar depressa, em alta tonalidade e respirar rápido basicamente na parte alta do peito, mostrando determinada tensão nos ombros e trapézio, pode ser sinal de que se está processando informações criando imagens internas.

Já o falar devagar e num tom grave, respirar de forma profunda, sinaliza mais confiança nas sensações. Isto é o que asseguram O'Connor e Seymour (1995), acrescentando que uma conversa entre pessoas de níveis diferenciados tem grande possibilidade de ser insuficiente para ambas, causando assim um sentimento de frustração. Assim, quanto maior

for a capacidade de adaptação ao nível comunicacional do outro, maior será o proveito tirado da interação.

Dominar tais conhecimentos é algo indispensável às pessoas que trabalham com a comunicação. Assim, pode-se dizer que professores, políticos, terapeutas, comunicadores sociais, dentre outros profissionais, precisam conhecer estes e outros elementos que a PNL traz a respeito da boa comunicação.

### **3.4.3 Calibração e ancoragem**

Tratando-se de calibração, podemos afirmar que esta é a percepção dos diferentes estados da pessoa. Para calibrar alguém, deve-se observar o semblante e expressão corporal da pessoa, e em seguida observar as reações que esta apresenta fisicamente. Mentalizando estas informações, pode-se saber o estado de espírito da pessoa observando apenas a sua fisiologia.

Por exemplo, quando alguém se lembra de uma experiência assustadora seus lábios podem se tornar mais finos, a pele fica mais pálida e a respiração mais superficial. Quando a pessoa está se lembrando de uma experiência prazerosa, os lábios ficam mais cheios, a cor da pele mais rosada, a respiração mais profunda e os músculos faciais mais relaxados (O'CONNOR e SEYMOUR, 1995, p.68).

A verbalização de algo é precedida pelo pensamento e expressão não verbal de quem o faz. Assim sendo, a calibração bem feita pode indicar até respostas à perguntas que são feitas a algumas pessoas.

Naturalmente, costumamos, mesmo que de maneira inconsciente, calibrar em algumas situações. Um bom exemplo disso é o que acontece com duas pessoas muito chegadas, quando um convida o outro para uma determinada programação. Antes da verbalização a outra pessoa já sabe a resposta. Da mesma forma, uma mentira pode ser percebida. A calibração é algo em que se pode ficar cada vez mais especializado, chegando a um estágio de maestria.

Existem ainda outros recursos dentro da PNL, como é o caso da “ancoragem”. Esta consiste em criar estímulos ligados a estados fisiológicos. Para O'Connor e Seymour (1995) a rica (no sentido emocional) história pessoal de qualquer indivíduo traz estados que podem ser revividos a partir de um estímulo evocacional (no sentido de resgatar, trazer à tona). Um cheiro, uma música, uma palavra ou um toque pode trazer a tona sensações prazerosas, ou

não, vivenciadas anteriormente. Assim pode-se dizer que âncora é um estímulo atrelado a um estado fisiológico capaz de ativá-lo.

As âncoras podem ser visuais, auditivas ou cinestésicas. A primeira pode ser exemplificada com um gesto feito com um dedo polegar, o qual indica que está tudo bem. O segundo tipo de âncora pode ser exemplificado por um toque de uma música que eleva ou “derruba” a euforia de alguém.

Por fim, um exemplo de âncora cinestésica é um cheiro de um perfume ou essência, o qual é capaz de evocar lembranças até da infância. Semelhantemente um sabor de uma bala pode trazer lembranças.

Estas âncoras podem ser criadas visando influenciar pessoas, ou ainda para melhor extrair as suas atenções. Um exemplo extraordinário é o que a Rede Globo de TV fez com o plantão de notícia. Todas as vezes que se escuta o toque do plantão, “para-se” e volta-se a atenção para a notícia. Isto foi uma âncora criada pela emissora.

Segundo O’CONNOR e SEYMOUR (1995, p.70), a âncora pode ser criada através da repetição ou através de um impacto emocional. No primeiro caso, “se vemos constantemente a cor vermelha associada ao perigo, ela se torna uma âncora. Temos então uma aprendizagem simples: vermelho significa perigo”. Na segunda situação, “se pode criar uma âncora instantaneamente, se a emoção for forte e o momento certo”. A necessidade de repetição se dá a partir do grau do envolvimento emocional. Logo, quando não há tal envolvimento é preciso repetir mais e mais para poder fixar a âncora.

Um gesto criado ou definido por um determinado professor em sala de aula também pode ser uma âncora. Algumas pessoas estão “ancoradas” em uma simples palavra, como acontece com alguns estudantes que entram em pânico quando escutam a palavra “prova” ou ainda “matemática”. Pode-se desenvolver formas de utilização positiva de âncoras, para substituir as negativas.

#### **3.4.4 A comunicação se dá em um sistema**

Em sua amplitude, a PNL trabalha a comunicação numa perspectiva **sistêmica**, conforme já foi dito. Desta forma uma alteração em um dos seus subsistemas, altera todo o sistema. Isto ultrapassa o princípio da causa e efeito, uma vez que a comunicação é circular. A

intenção aqui é chamar a atenção para o contexto no qual se dá a comunicação. A ação ou reação de uma pessoa interfere na comunicação de outra. Segundo O'Connor e Seymour (1995), a mente consciente só consegue captar um pequeno segmento da íntegra comunicacional, ou seja, por si só a mente consciente é bastante limitada. Daí a importância da aprendizagem de mecanismos inconscientes que estão por trás da comunicação, e isto em sua sistemática.

Essa forma de pensar meio que cibernética, direciona para uma aplicação direta aos relacionamentos, no sentido de que uma simples mudança de uma das pessoas envolvidas, gera mudança no comportamento das outras e conseqüentemente afeta o relacionamento. Em muitos casos, para mudar um relacionamento ou o comportamento de uma pessoa, é preciso que se mude a si próprio primeiro.

As crenças interferem significativamente na forma pela qual as pessoas se comunicam consigo e conseqüentemente com os outros. Elas funcionam como filtros perceptivos: interpreta o mundo a partir das crenças, e estas em reciprocidade reforçam os comportamentos. Contudo segundo O'Connor e Seymour (1995, p.99) “apesar de muito eficientes, filtros perceptivos muito estreitos podem impedir que se tenha boas experiências, mesmo quando rodeados de possibilidades interessantes, porque elas não são percebidas”. Nesta perspectiva, a linguagem é fundamental na compreensão do mundo e expressão das crenças de cada indivíduo, afinal o mundo é um sistema, assim como cada ser humano.

A linguagem é extremamente importante na comunicação humana. A compreensão das coisas, das pessoas e do mundo dar-se através da linguagem a qual é apreendida cumulativamente, e interfere no aprendizado cumulativo das demais coisas que um indivíduo internaliza durante a vida.

Dentro desta linguagem, afirma-se que as palavras têm o poder de evocar imagens, sons e sentimentos. Os sentimentos geram comportamentos. Os pensamentos geram sentimentos. E ações comunicativas dotadas de palavras ou imagens geram pensamentos. Assim determina-se a seguinte seqüência: palavras ou imagens geram pensamentos que geram sentimentos que geram comportamento.

Daí decorre que para ser despertado em alguém determinado comportamento, pode-se fazer uso (perguntando a si mesmo) da seguinte seqüência de perguntas: “Qual o comportamento que pretendo que a outra pessoa efetue?” Para que esta pessoa se comporte desta forma, “o que é que ela precisa pensar?” Para que ela pense isto, “que palavras, gestos ou imagens precisará ver ou escutar?”

As respostas dadas a tais perguntas podem fornecer um caminho para que se consiga

despertar ações nas pessoas. Assim pode-se, por exemplo, despertar ação nos educandos com relação a uma determinada realidade, etc.

As palavras são muito importantes dentro da comunicação, principalmente quando trabalham em conjunto com a linguagem não-verbal. Elas têm o poder de construir ou de destruir, de implementar relações e de desarmonizar relacionamentos. O que as palavras significam para um indivíduo é o que este convencionou que significassem, mediante influências externas, pois tal indivíduo compreende e experimenta o mundo de maneira específica.

Para O'Connor e Seymour (1995, p.103), “o fato de outras pessoas terem mapas e significados diferentes é que dá riqueza e variedade à vida”. Neste sentido, o fato das pessoas gostarem e atuarem de forma diferenciada e em campos diferentes é o que dinamiza e multiplica o universo de conhecimentos. “Duas pessoas que dizem gostarem de músicas podem descobrir que têm muito pouco em comum” (O'CONNOR e SEYMOUR, 1995, p.103) ao descobrirem que gostam de estilos musicais totalmente diferentes.

A linguagem inadequada pode confundir as pessoas afetando relacionamentos. Daí é importante que se considere a forma de concepção de mundo diferenciada e assim busque-se um *feedback* da informação comunicada, pois segundo o primeiro pressuposto da PNL, o importante não é o que se diz, mas o que se entende, no que diz respeito à comunicação.

É muito importante esta confirmação do que o outro entendeu, principalmente nos negócios e nos relacionamentos educacionais e amorosos. Nestas situações é relevante que se perceba o significado do que é falado de acordo com o mapa mental da outra pessoa.

A linguagem de um indivíduo traz consigo a cultura e o folclore do mesmo. Assim um gesto ou uma palavra verbalizada pode significar coisas diferentes de acordo com a cultura e localização geográfica. Para O'Connor e Seymour (1995, p.104), “os esquimós têm muitas palavras para ‘neve’. Como a vida deles pode depender da identificação correta da neve...”, eles precisam saber diferenciar lingüisticamente a neve comestível da neve utilizada na construção, dentre outras. Algo que os autores acima citados ainda usam como exemplo, é que “os povos *hanuoo*, da Nova Guiné, têm um nome para cada uma das noventa e duas variedades de arroz que possuem”. Isto quer dizer que cada pessoa e cada povo têm suas próprias significações.

É relevante buscarmos sempre uma “equilibração” da linguagem entre os agentes comunicativos nas mais diversas situações. Uma boa comunicação se utiliza de qualidade e

diferença. Para entender melhor as palavras faladas pelas outras pessoas, pode-se fazer uso dos metamodelos.

### 3.4.5 Metamodelos

Os metamodelos permitem reunir informações, esclarecer significados, identificar limitações e criar novas opções, a partir de perguntas estrategicamente elaboradas. Para O'Connor e Seymour (1995, p.121) o “metamodelo é uma maneira poderosa de reunir informações, esclarecer significados e identificar limites no pensamento de uma pessoa.”

“...metamodelo. O radical “meta” vem do grego e significa “para além”, ou seja, num nível diferente. O metamodelo usa a linguagem para esclarecer a linguagem e impede que você se iluda achando que está entendendo o que as palavras significam. O metamodelo faz a conexão entre linguagem e experiência (O'CONNOR e SEYMOUR 1995, p.105).

Existem, segundo O'Connor e Seymour (1995), alguns padrões de metamodelo: padrão de omissão, padrão de generalização e padrão de distorção. O primeiro padrão compreende: sujeitos não especificados, verbos não especificados, comparações, julgamentos e substantivações. O segundo padrão engloba operador modal de possibilidade, operador modal de necessidade e quantificador universal. O último padrão compreende equivalência complexa, pressuposição, relação de causa e efeito e leitura da mente.

Serão explicadas as especificações acima, deixando claro que o metamodelo é segundo O'Connor e Seymour (1995, p.224), um “modelo que identifica os padrões de linguagem que impedem ou obscurecem o significado da comunicação. Utiliza a distorção, a omissão e a generalização e perguntas específicas que vão esclarecer e colocar em questão a linguagem imprecisa...”. Assim será explanado sobre cada um destes e em seguida serão apontadas as perguntas que podem elucidá-los.

Abordando a ‘omissão’, primeiramente será tratado de “*sujeitos não especificados*”. Por exemplo, a frase “o rapaz de vinte e cinco anos de idade morreu em um acidente de carro” pode ser resumida em “o jovem morreu”. Desta forma, em busca de especificações é possível que se pergunte “Quem morreu?”. Na concepção de O'Connor e Seymour (1995, p.108), qualquer caso de “sujeito não especificado pode ser elucidado a partir da pergunta: “Quem ou

o que exatamente...?”. No caso de *verbos não especificados* como na frase “ele me magoou” pode-se elucidar melhor a colocação fazendo uso da pergunta: “De que maneira exatamente...?”

As *comparações* referem-se à situações onde é omitido algo dentro de uma frase comparativa. Por exemplo, as frases: “Este foi um péssimo discurso” ou “Esta é a melhor música”. Nas duas frases foram emitidas algumas informações. Estas podem vir a ser esclarecidas a partir de perguntas como: “Comparado com o quê...?”

Tratemos neste momento a respeito de Julgamento(s). Para O’Connor e Seymour (1995, 110) estes são “os maiores aliados das comparações”. Na afirmação: ‘Este foi um péssimo discurso’, pode-se perguntar quem é o autor deste julgamento. É alguém com autoridade no assunto? É um grande orador? Os julgamentos podem ser ‘desmistificados’ a partir do questionamento: “Quem está emitindo este julgamento e em que bases esse julgamento está sendo feito?”.

Para complementar o padrão de omissões é preciso expor acerca das *substantivações*.

Esse padrão ocorre quando um verbo que descreve um processo contínuo é transformado em substantivo. Os lingüistas chamam isso de substantivação... Se um substantivo não pode ser visto, ouvido, tocado, cheirado ou provado, em resumo, se não puder ser colocado dentro de um carrinho de mão, é uma substantivação... A palavra “memória” é um exemplo interessante. O que significa alguém dizer que tem uma memória ruim? Para descobrir, é necessário perguntar que informação específica a pessoa tem dificuldade em decorar e como ela faz para memorizar alguma coisa. Em toda substantivação, um ou mais sujeitos estão faltando (de certa maneira de falar) e um verbo não está especificado. Um verbo envolve uma ação e um processo contínuo. Mas isso se perde se ele for substantivado e transformado num substantivo estático... Por transformar processos em coisas, as substantivações são um padrão de linguagem extremamente enganador (O’CONNOR e SEYMOUR, 1995, p.110 e 111).

Segundo O’Connor e Seymour (1995, p.111), as substantivações podem ser esclarecidas sendo transformadas em verbos se forem buscadas as informações omitidas. Para tal esclarecimento pode-se perguntar: “Quem está substantivando o quê? E como essa pessoa está fazendo isso?”

Abordaremos agora os padrões ligados a generalizações. Falaremos em primeiro lugar, sobre os *operadores modais de possibilidade*. Pelo fato de estabelecerem limites decretados por regras não explícitas, expressões do tipo “não posso” ou “não devo” são conhecidas em lingüística como operadores modais. Os operadores modais de possibilidade estão bem ligados ao “possível e impossível”. O “não posso” tende a limitar as pessoas. Diante de situações em que as pessoas se limitam deve-se enfatizar o resultado final e levar o indivíduo a identificar a barreira, o que já o encaminha para ultrapassagem. Portanto, operadores modais

de possibilidade do tipo “eu não posso” são elucidados a partir das seguintes indagações: “ ‘O que aconteceria se você...?’ ou ‘O que o impede de...?’ ”

Já os *operadores modais de necessidade* têm ligação com conduta e moral. Estes operadores são bem parecidos com os de possibilidade.

Os operadores modais de necessidade pressupõem necessidade e são indicados pelo uso das expressões “deveria” e “não deveria”, “tenho que” e “não tenho que”, “sou obrigado a” e “não sou obrigado a”. Nelas, há uma regra de conduta que não fica explícita. Quais são as conseqüências, reais ou imaginárias, de se quebrar essa regra? Ela vêm à tona com a pergunta: “O que aconteceria se você fizesse, ou não fizesse, isso? ...descobertas foram feitas através da pergunta “o que aconteceria se...?” se eu continuasse velejando para o oeste? Se eu pudesse viajar à velocidade da luz? Se eu permitisse que a penicilina crescesse? (O’CONNOR e SEYMOUR, 1995, p.113)

Desta forma, expressões como “Eu não posso/eu tenho que” podem ser melhor esclarecidas se for perguntado: “O que aconteceria se você fizesse/não fizesse...?”

Como último padrão de generalização temos os *quantificadores universais*. Normalmente percebe-se as generalizações por expressões como “nunca”, “nenhum”, “todo”, “sempre” e “cada um”. Estas expressões são conhecidas como quantificadores universais por não admitirem exceções. Em vários casos, as generalizações obstaculizam a boa comunicação, por tentarem englobar um grande número de fatores em um só. Além disso, generalizar pode ser inconveniente em alguns momentos que requerem especificações. Os quantificadores universais são limitadores em muitos casos. Os autores logo acima citados, oferecem um excelente exemplo. Eles dizem que uma pessoa pode dizer: “Eu nunca faço nada certo”. Esta afirmação é um uso negativo de uma generalização (quantificação universal). Isto pode ser questionado através de um contra exemplo: “Já houve um momento em sua vida em que...?”.

As distorções comportam mais quatro padrões de metamodelo. O primeiro é o da *equivalência complexa*. Esta descreve afirmações que são consideradas como se tivessem a mesma significação. Mais uma vez recorreremos a um exemplo fornecido por O’Connor e Seymour (1995, p. 116): “Se você não olha para mim quando eu estou falando com você, então não está prestando atenção”. Nesta situação, a pessoa que diz uma frase desse tipo, certamente, em sua significação, se ela não estiver olhando para a pessoa ela não está prestando atenção. Daí está havendo uma distorção. Para elucidar melhor uma situação de equivalência complexa, pode ser perguntado: “De que maneira isto significa aquilo?”

O segundo padrão de metamodelo de distorção é o de *pressuposição*. Por exemplo, na pergunta “Por que você não toma medicamentos para engordar?” está se pressupondo que o receptor da mensagem esteja magro. Assim, neste padrão, uma coisa pressupõe outra.

Vejamos outro exemplo:

“Que pijama você vai usar para dormir, o verde ou o vermelho?” Trata-se de uma armadilha. Oferece-se uma opção em uma área, mas se a pressuposição principal for aceita: neste caso, ir dormir. Esta pressuposição pode ser questionada com a seguinte pergunta: ‘O que o faz acreditar que eu vá dormir?’ (O’CONNOR e SEYMOUR, 1995, 117).

Baseado-nos neste exemplo podemos concluir que casos de pressuposições podem ser esclarecidos ou confrontados com o questionamento: “O que o faz acreditar que...?”

O terceiro padrão é a relação de *causa e efeito*. Neste, as pessoas tendem a dizer que seus estados emocionais têm sua causa no externo e no outro, o que dota o outro de um poder que ele não tem. Pode-se admitir que a situação externa influencia, mas o que não pode acontecer é a atribuição de um estado interno ao externo. Cada um é responsável pelos seus sentimentos.

A relação de causa e efeito pode ser questionada com a seguinte pergunta: “Como exatamente isto causa aquilo?” ou “O que precisaria ter acontecido para que isso não tivesse sido causado por aquilo?” Para questionar a crença na relação de causa e efeito, pergunte: “Como exatamente você se deixa sentir ou reagir dessa maneira ao que viu ou ouviu?” (O’CONNOR e SEYMOUR, 1995, 118).

Como último padrão de distorção aponta-se a *leitura da mente*. Existe uma tendência a projetar-se os sentimentos no outro. O emissor da mensagem deseja que a outra pessoa pense a mesma coisa que ele pensaria se estivesse em situação semelhante. Assim, há uma tendência a “ler” a mente dos outros, ou ainda a “adivinhar” os seus pensamentos. Isto muitas vezes pode ser fonte de erros.

Uma boa “leitura da mente” não deve ser explicitada com conclusões, mas é possível que se diga que uma pessoa está com olhar meio tristonho, ao invés de afirmar-se que a pessoa está triste.

Acontece ainda o fato de algumas pessoas esperarem das outras que leiam as suas mentes. Por exemplo, Alguém pode dizer: “Você deveria saber que sou assim”. Aqui, a pessoa que proferiu esta frase provavelmente não se expressa claramente, o que pode levar a conflitos dentro dos relacionamentos.

Quando procuramos esclarecer a leitura da mente perguntamos “Como você sabe?”, a resposta geralmente contém alguma crença ou generalização. Por exemplo: “Jorge não se importa comigo.” “Como você sabe que Jorge não se importa com você?” “Porque ele nunca faz aquilo que eu digo.” Assim, no modelo de mundo desta pessoa, “fazer o que eu digo” é igual a “se importar comigo”. Esta é no mínimo, uma pressuposição muito questionável. É uma equivalência complexa e convida às seguintes perguntas: “Como exatamente se importar com alguém significa fazer o que ele quer? Quando se importa com alguém, você sempre faz o que ele diz?” (O’CONNOR e SEYMOUR, 1995, 119).

Percebe-se que a leitura, ou tentativa de leitura da mente pode ser confrontada com a indagação “Como exatamente você sabe que...?”, e depois podem ser feitas perguntas do tipo das citadas acima.

As perguntas referentes aos metamodelos só têm sentido de serem feitas numa situação onde o *rapport* tenha sido estabelecido. A observação das palavras, tom de voz ou expressão corporal, pode conduzir ao padrão de metamodelo que precisa ser questionado.

### **3.4.6 Metáforas**

Trata-se uma ferramenta muito utilizada pela PNL para esclarecer o obscuro ou ainda simplesmente para fazer uma comparação e reforçar um entendimento. Ela tem o poder de distrair a mente consciente e ativar a subjetividade na busca de significados e recursos.

As metáforas comunicam informações indiretamente. Elas conduzem à substituições, pois uma coisa induz a pensar em outra. Assim, pode-se usar a metáfora tanto para explicar algo como para buscar a resolução de problemas. Na primeira situação, pode-se contar uma estória ou citar um provérbio popular que conduza os indivíduos a uma representação interna capaz de esclarecer a respeito de algo.

Com relação à resolução de problemas, utiliza-se uma estória cujos elementos sejam semelhantes aos ligados ao problema para o qual se quer solução. Isto pode conduzir a caminhos de resolução de problemas.

Ao contar uma metáfora (parábola, provérbio, anedota, conto ou mito) deve-se ter em mente que ela irá causar uma relação comparativa dentro do modelo de mundo do outro e do de quem a conta. Além das metáforas já existentes, das quais pode-se fazer uso, é possível também que se elabore outras. Esta elaboração deve se dar a partir do conhecimento do estado atual e do estado que se pretende despertar no ouvinte. Portanto, dizer uma coisa através de outra pode ter um impacto importante no inconsciente e consciente do ouvinte.

### **3.4.7 Metaprogramas comunicacionais**

Os metaprogramas são filtros de percepção. Cada pessoa percebe o mundo filtrado, e isto gera pontos de vista diferentes, podendo variar de acordo com o contexto. Segundo O'Connor e Seymour (1995, p.162), “os metaprogramas são os padrões que usamos para determinar que informação vai chegar até nós.”

Os metaprogramas são importantes em áreas como a da motivação e da tomada de decisões. Os bons comunicadores adaptam sua linguagem ao modelo de mundo da outra pessoa. Portanto, a linguagem que está de acordo com os metaprogramas da outra pessoa prefigura a informação e assegura que o interlocutor possa compreendê-la com facilidade. Isso lhe permite economizar energia para tomar decisões e encontrar motivação (O'CONNOR e SEYMOUR 1995, p.163).

De acordo com O'Connor e Seymour (1995), existem sete metaprogramas em diversos padrões: proativo-reativo; aproximação-afastamento; interno-externo; opções-procedimento; geral-específico; semelhança-diferença e padrão de convencimento. Estes metaprogramas podem se desdobrar em mais de quinze formas de comportamentos. Assim, é possível identificar o porque de certas pessoas agirem de determinada forma para processar informações em seu mundo e desenvolver ações práticas. Isto conduz o comunicador a mais possibilidades de adequação quanto à sua comunicação.

O *proativo/reativo* refere-se a ações. O indivíduo *proativo* não espera pelos outros, mas faz aquilo que necessita ser feito. Já os *reativos* esperam a iniciativa dos outros, daí então pensa e só depois age. Desta forma, é possível que falemos numa linguagem mais ativa ou passiva de acordo com a pessoa com a qual estejamos interagindo. Para O'Connor e Seymour (1995, p.163 e 164), uma pessoa proativa é mais motivada “com frases do tipo: ‘Vá em frente’, ‘faça isto’, e ‘é o momento de agir’”. As pessoas proativas tomam decisões mais rápidas nas diversas situações da vida, inclusive em negociações. Já a pessoa reativa ela demora mais nas decisões. Elas reagem melhor a frases do tipo: “ ‘Espere’, ‘pense no assunto’ e ‘veja o que os outros acham’”.

Quanto ao padrão de *aproximação/afastamento*, este diz respeito à motivação e nível de concentração. A motivação das pessoas que processam pela aproximação é a obtenção de prazer, ou seja, elas buscam aproximar-se dos seus objetivos. Já os indivíduos em que predominam padrão de afastamento, eles buscam evitar o sofrimento. Eles se concentram em evitar o que não lhe dá prazer. Assim, algumas pessoas podem ser motivadas se forem oferecidas a elas opções de prazer. Já outras são motivadas se for dito que elas não irão sofrer. As pessoas de predominância de afastamento são ótimas em encontrar erros, enquanto as pessoas de aproximação são muito precisas em traçar objetivos.

Já o padrão *interno/externo* está ligado ao local onde as pessoas encontram estímulos, no que se refere a padrões e normas. As pessoas que trabalham predominantemente com o padrão interno tomam decisões com base em suas internalizações, ou seja, por si mesmas. Estas pessoas têm dificuldades em receber e cumprir ordens superiores e assumem muitas vezes uma postura “do contra”. Elas normalmente gostam de trabalhos autônomos e são bons empreendedores ou gerentes. Já os indivíduos de predominância mais externa, eles precisam da opinião de terceiros para que venham a decidir e normalmente necessitam de cargos que impliquem em submissão, no sentido profissional.

O padrão de *opções/procedimentos* é muito importante nas diversas áreas da vida, sobretudo na profissional. O indivíduo que possui uma predominância de *opções*, precisa de alternativas e múltiplas possibilidades de escolhas. Ele também é muito bom em criar possibilidades, e por isso não gosta de seguir caminhos já trilhados. Já as pessoas *procedimentos* gostam de caminhos já experimentados e têm mais facilidade em adaptar-se a rotinas.

Um outro padrão é o *geral/específico*. Este padrão lida com a forma de ver o mundo, no que se refere à segmentação. As pessoas que têm um padrão geral tendem a ver a floresta, mas não vêem a árvore. Elas vêem as imagens completas e se dão bem quando trabalham com grandes segmentos de informações, não prestando atenção aos detalhes. Enquanto isso as pessoas do padrão específico, conseguem lidar muito bem com a árvore, mas não conseguem ver a floresta. Elas captam os detalhes e necessitam de pequenos segmentos para entender o todo.

O outro metaprograma diz respeito a comparações de *semelhança/diferença*. As pessoas do padrão de *semelhança* percebem o que as coisas têm em comum, se adaptam bem a tarefas que permanecem imutáveis ao longo do tempo. Já as pessoas do padrão *diferença* percebem mais as divergências nas coisas e situações, gostam de produtos inovadores e de inovar em suas tarefas, o que leva muitas vezes à mudança de emprego e até de ciclo relacional. Estas são presas fáceis para o mundo da publicidade.

Por fim, os padrões de convencimento estão ligados à captação e ao processamento de informações e divide-se em *visual, auditivo e cinestésico*. Uma pessoa predominantemente visual, precisa ver a prova de algo para poder captar processar, e só então aceitar (ou não) a informação. Já a pessoa auditiva necessita ouvir, falar ou ler para que capte melhor e processe os dados. O indivíduo de predominância cinestésica, por sua vez, precisa fazer e sentir para captar, e só então processar e concordar, ou não.

É possível citar ainda baseado em O'Connor e Seymour (1995, p. 170) os modos pelos quais as pessoas se convencem. Algumas são mais bem convencidas a partir do número de exemplos, necessitando receber as informações várias vezes antes de se convencerem. Existem também as pessoas que têm um modo automático e são convencidas a partir de uma informação parcial. Já outras precisam de um tempo para pensar e decidir. E por fim, temos as pessoas chamadas consistentes que precisam ser convencidas constantemente com informações constantes, com exemplos específicos.

Os metaprogramas podem ser muito bem utilizados para obtenção de uma comunicação humana mais eficiente. Contudo, vale lembrar que cada autor aborda o assunto de uma forma diferenciada, de acordo com o que considera mais importante.

A próxima parte deste trabalho tratará de interagir a PNL com a Pedagogia Dialógica de Freire visando fornecer estratégias comunicacionais úteis na Educação Popular.

## **4 INTERAGINDO A PEDAGOGIA DIALÓGICA DE PAULO FREIRE COM A PROGRAMAÇÃO NEUROLINGÜÍSTICA**

Consideramos que uma parte já tem determinado conhecimento da outra, ou seja, as teorias referentes à temática deste estudo estarão se encontrando de forma a contribuir conjuntamente para que se atinja mais facilmente os objetivos no âmbito da Educação Popular. Em outras palavras, nesta parte do estudo apenas estão sendo averiguadas formas de interagir as duas visões, não para encontrar controvérsias, embora estas possam existir em alguns pontos, mas para que se alcance um melhor e mais veloz desempenho comunicacional dos participantes da educação em questão.

Iniciaremos este diálogo com algo que nos parece contradição, incongruência, entre as partes envolvidas. Primeiramente, não podemos “mecanizar” a educação dialógica freireana, que é baseada no diálogo e na liberdade. Podemos apontar caminhos para ampliação de posturas e atitudes dialógicas que são necessárias para que indivíduos possam sair de uma situação de alienação e passividade, para uma criatividade ativa que supera a circunstância de serem objetos e os tornam de fato sujeitos da história, o que reflete a Educação Popular.

Resgataremos algumas das considerações que fizemos em torno da PNL, seguindo praticamente a ordem como dispomos no capítulo anterior, fazendo uso dos princípios apregoados por Freire.

### **4.1 Abrindo caminhos ao uso da PNL no contexto da pedagogia dialógica de Paulo Freire**

Neste estudo, estamos buscando formas para um aprimoramento comunicacional, em que coletivamente possa ser possível que se obtenha um fluxo de mensagens mais livre.

Comunicando-se melhor consigo mesmo, com os outros e com o mundo, cada indivíduo pode vivenciar mais a si mesmo, aos outros e ao mundo. Ora, para Freire (1993), este relacionamento com o mundo deve dar-se de forma que seja possível a leitura do mesmo, o que é imprescindível à leitura das palavras.

Neste sentido, o indivíduo não deve ser sujeito passivo no mundo em que está inserido, mas deve atuar na transformação da realidade.

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser *objeto*, mas sujeito também da história (FREIRE, 1996, p.54).

Da mesma forma, como não podemos estar no mundo de forma neutra, também não podemos estar com o mundo e com os outros numa situação de neutralidade. “Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra” (FREIRE, 1996, p.77). É preciso que usemos as nossas capacidades e conhecimentos para atuarmos de forma transformadora, influenciando também, ao invés de sermos apenas influenciados ou levados por qualquer um ou qualquer situação.

Nesta vivência com o outro e com o mundo no mundo, temos que considerar as individualidades e a coletividade. Assim, na proposta de EP trabalha-se considerando estas questões. Na PNL não é diferente, pois no momento em que se pensa no outro, no próximo, considera-se o meio ambiente de maneira mais geral. Trata-se do princípio ecológico, do qual já discorremos anteriormente e ainda voltaremos a contemplar.

Pensar a respeito de pessoas e de meio-ambiente é pensar também sistema. No contexto popular da educação necessitamos ter em mente o coletivo, é o “juntos” na emancipação e na educação.

Uma alteração em qualquer subsistema afeta todo o sistema do qual este faz parte. Neste sentido deve-se pensar ecologicamente, pois na relação comunicacional no âmbito da educação, uma palavra, um gesto ou uma não-palavra (no sentido da repressão silenciadora) pode afetar um indivíduo e junto com ele todo o contexto no qual está inserido. Todo ato comunicativo deve ser cautelosamente pensado e avaliado, no intuito de afetar o sistema positivamente na busca do que de fato se quer.

Pensar aquilo que se quer é fundamental, pois sabendo o que se almeja pode-se traçar estratégias para conseguir. Isto inclui as estratégias no tocante a otimização da comunicação e do diálogo, dentre outras aspirações.

Usando os recursos comunicacionais apresentados pela PNL, sobre os quais já discorremos, enquanto aplicação prática na proposta popular de educação trazida por Freire, é possível observarmos se estamos atingindo os objetivos e verificarmos que mudanças são necessárias no referido ato comunicativo até que se consiga o que se quer, ser entendido e se possível aceito ou ao menos respeitado.

A mudança é imprescindível. É preciso sermos flexíveis em nossas práticas, pois o ser duro acarreta na quebra. A rigidez se torna quebradiça. Muita dureza pode ser sinal não de força e resistência, mas de fragilidade.

De acordo com o décimo segundo pressuposto da PNL, conforme expomos no capítulo anterior, todos temos em nós mesmos os recursos para mudar. E o oitavo postulado diz que devemos buscar avaliar o nosso comportamento adaptando-o ao contexto, uma vez que todo comportamento tem uma situação por trás. Essa mudança e adaptação são fundamentais e necessárias entre os indivíduos que se educam mutuamente.

Mudança também é necessária no momento em que nos aproximamos do âmbito da comunicação. É de suma importância nos tornarmos hábeis em nos comunicar, pois nesta relação humana em que estamos inseridos, educamos aos outros e eles nos educam por meio de um fluxo de mensagens circulares. Assim, um interfere na mudança do outro dentro do processo.

É necessário alcançarmos a maestria no que se refere à comunicação e, conseqüentemente, ao diálogo. Para chegarmos a este nível, já devemos ter passado pelos outros: “incompetência inconsciente”, “incompetência consciente” e “competência consciente”.

Processualmente, o indivíduo pode se tornar competente e esclarecido, acerca das mais diversas áreas. Assim, não devemos exigir aprendizagens ou mudanças bruscas, rápidas. Cada indivíduo é impar e tem uma história de vida passada e presente, da qual deve ser sujeito, além do seu ritmo de desenvolvimento intelectual. Respeitar o ritmo de cada um não quer dizer que não podemos buscar estratégias para mudar e gerar aprendizagens e criticismos mais rápidos e eficientes. Podemos, portanto, usar estratégias para sairmos e levarmos pessoas a saírem do estado de incompetência inconsciente em direção à maestria.

Freire (1996) discorre acerca de um certo estado de incompetência afirmando que ele é temporário, na área do ensino/educação numa perspectiva dialógica.

[...] ensinar não é transferir a inteligência do objeto ao educando mas instigá-lo no sentido de que como sujeito cognoscente, se torne capaz de entender e comunicar o entendido. É neste sentido que se impõe a mim *escutar* o educando em suas dúvidas, em seus receios, em sua incompetência provisória. E ao escutá-la, aprendo a falar *com* ele (FREIRE, 1996, p.119).

Enquanto professores e professoras, neste processo simultâneo em que uns educam os outros, devemos buscar atingir a maestria no que diz respeito à comunicação e ao diálogo. É importante ainda, socializar o conhecimento que conduz a esta maestria com os nossos alunos e alunas, que nos ensinam tantas coisas. Um dos conhecimentos fundamentais para o alcance desta maestria é o que se refere aos mapas mentais, dos quais já falamos, mas que a partir de agora situaremos na perspectiva popular dialógica.

#### **4.1.1 Mapas mentais e contextos individuais e grupais**

Começemos pelo pressuposto da PNL segundo o qual, o mapa não é o território. Este se refere ao mapeamento mental que fazemos do mundo.

Cada ser humano tem a sua representação da realidade na própria mente. Desta maneira, há uma necessidade de alcançarmos comunicacionalmente os mapas representacionais das pessoas com quem nos comunicamos. Para Freire( 1977, p.71), “ou o signo tem o mesmo significado para os sujeitos que se comunicam, ou a comunicação se torna inviável entre ambos por falta da compreensão indispensável”.

Em outro momento, Freire diz algo que complementa esta idéia: “[...] a comunicação eficiente exige que os sujeitos interlocutores incidam sua “ad-miração” sobre o mesmo objeto que o expressem através de signos lingüísticos pertencentes ao universo comum a ambos, para que assim compreendam de maneira semelhante o objeto da comunicação” (FREIRE, 1977, p.70). Temos que, de certa forma, entrarmos no sistema representacional do outro, para melhor compreendê-lo e interagir com ele.

Devido à complexidade do mundo, cada indivíduo faz uma filtragem das informações que apreende pelos seus sentidos e também das que abstrai da realidade. Os filtros simplificam a forma de assimilação do mundo.

Se pensamos aqui em Educação Popular e diálogo emancipatório, parece-nos relevante considerar uma visão crítica da realidade. Mas o que é a criticidade senão uma forma de filtro mental questionador da realidade? Pensemos numa aprendizagem crítica.”[...] quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender tanto mais se constrói e desenvolve o que venho chamando de “curiosidade epistemológica”, sem a qual não alcançamos o conhecimento cabal dos objetos” (FREIRE, 1996, p.25). Essa criticidade produz a superação da situação ingênua e passiva.

Não há para mim, na diferença e “distância” entre a ingenuidade e a criticidade, entre o saber de pura experiência feito e o resultado dos procedimentos metodicamente rigorosos, uma ruptura, mas uma superação. A superação e não a

ruptura se dá na medida em que, a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, pelo contrário, continuando a ser curiosidade, se critica (FREIRE, 1996, p.31).

Como cada pessoa vislumbra o mundo por uma óptica diferenciada, também parece claro que as ideologias que cada indivíduo traz são fruto de um contexto de inserção.

Alguns fatores influenciam na forma de ler a realidade: a cultura, a localidade geográfica, a linguagem, as crenças, os interesses, os valores e pré-conceitos, enfim a história em que cada um está imerso. Cada coisa significa algo. “[...] experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação” (FREIRE, 1996, p. 44).

É preciso que se saiba compreender como o outro pensa, mesmo que pense diferente de nós. Isso leva a clareza na comunicação e ao respeito.

Numa situação de controvérsia conceitual em torno de uma temática, precisamos mostrar a necessidade de um diálogo respeitável entre as pessoas sobre as teorias em conflito. Assim, o diálogo, mesmo que aparentemente conflituoso, se torna útil por conduzir os indivíduos a contemplarem ângulos diferenciados de uma mesma realidade. “[...] a dialogicidade verdadeira em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela [...]” (FREIRE, 1996, p.60). Lembramos ainda que para Freire, numa relação dialógica deve haver momento de fala e momento de escuta.

No processo da fala e da escuta a disciplina do silêncio a ser assumida com rigor e a seu tempo pelos sujeitos que falam e escutam é um “sine Qua” da comunicação dialógica. O primeiro sinal de que o sujeito que fala sabe escutar é a demonstração de sua capacidade de controlar não só a necessidade de dizer a sua palavra que, é um direito, mas também o gosto pessoal, profundamente respeitável, de expressá-la. Quem tem o que dizer tem igualmente direito e deve dizê-lo. É preciso, porém, que quem tem o que dizer saiba, sem sombra de dúvida, não ser o único ou a única a ter o que dizer (FREIRE, 1996, p.116).

No processo de escutar e de melhor compreender o que se escuta, por estarem envolvidos fatores que transcendem o auditivo, a PNL entra com os seus artifícios otimizando a compreensão de quem escuta e a expressividade de quem fala.

O respeito deve se dar, não só escutando a pessoa que fala, mas compreendendo o seu contexto e as intencionalidades de suas ações. Quanto a isso, o nono postulado da PNL diz que há uma intencionalidade positiva, útil e significativa em cada comportamento. Ora, temos que compreender que na representação dos indivíduos, sempre há uma intenção positiva.

Parece-nos que as coisas estão se complicando, mas não, pelo contrário, passamos a

melhor entender que precisamos imaginar e buscar compreender os mapas mentais dos teóricos da Programação Neurolingüística e o de Paulo Freire, para vislumbrarmos o sentido desta aproximação, que já traz a impressão da nossa autoria.

#### **4.1.2 Modelagem e ética dos educadores(as)**

Reflitamos agora sobre o fato de que os comportamentos das professoras e professores se tornam modelos de conduta, que são seguidos e copiados pelos educandos, mesmo que de forma não intencional.

A PNL trabalha também com o princípio da modelagem, de forma que se modelam, copiam, os comportamentos positivos dos outros visando alcançar resultados semelhantes ao que estão sendo atingidos por estes “outros”. Isto ocorre com as pessoas muitas vezes de forma involuntária. Por este motivo, há uma necessidade de cada pessoa ser exemplo para as outras, pois juntos nos educamos e acabamos por nos influenciar mutuamente. O comportamento muitas vezes fala mais alto que as palavras. “Não há pensar certo fora de uma prática testemunhal que o rediz em lugar de dizê-lo” (FREIRE, 1996, p.34). É preciso um alinhamento entre o dizer e o fazer.

Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo (FREIRE, 1996, p.42).

Isto refere-se, por exemplo, à responsabilidade que um professor tem diante de um grupo de alunos que está construindo e aprimorando conhecimentos, além da construção do caráter e modelação da personalidade que podem estar ocorrendo e recebendo influências do comportamento do docente e dos próprios discentes. Tal comportamento deve estar em congruência com aquilo que é falado cotidianamente por este profissional, pois as palavras têm maior impacto se o agir estiver em conformidade com elas.

O quarto postulado da PNL afirma que a maior qualidade da informação é comportamental. Na educação, isso quer dizer que educadores e educandos devem buscar a coerência entre o discurso e a prática.

Isto remete para questões éticas. Agir eticamente é fundamental. Ora, os instrumentos aqui fornecidos pela PNL, no aspecto comunicacional, têm o poder de influenciar e convencer mais facilmente pessoas para determinadas ações. Com poderoso instrumento nas mãos um indivíduo tem duas opções. A primeira, que é o nosso propósito em desenvolver este estudo, é

usar estes recursos comunicacionais para buscar uma emancipação mental e conseqüentemente prática. A segunda é manipular pessoas para tirar proveito pessoal, egoisticamente. Ora, tratar de manipulação não é nosso intuito aqui.

Levantamos mais uma vez a problemática da ética e da ecológica. Sendo os princípios ecológicos da PNL socializados aos docentes e discentes, é possível que estes passem a agir de forma a pensar no outro, refletindo sempre com relação aos princípios morais. Isto nos parece fundamental quando se busca uma emancipação.

Conceituar a ética, como algo fechado e acabado é impossível, pois ela transcende qualquer limite pela sua grandeza e abrangência. A princípio, é válido elucidarmos que a ética estuda e pensa os valores morais. Assim sendo, podemos dizer que os valores morais são objetos (ou objeto) de estudo da ética.

Ética é a ciência do comportamento moral dos homens em sociedade. É uma ciência, pois tem objeto próprio, leis próprias e método próprio. O objeto da ética é a moral. A moral é um dos aspectos do comportamento humano. A expressão deriva da palavra romana *mores*, com o sentido de costumes, conjunto de normas adquiridas pelo hábito reiterado de sua prática (NALINI, 1999, p.34).

Continuemos neste pensamento. Se a ética estuda os valores morais, poderíamos dizer que ela se ramifica em campos específicos. Por exemplo, temos a ética profissional. Esta seria o estudo dos valores morais ligados à profissão e aos profissionais. Poderíamos tomar em nossa exemplificação a bioética, que trata dos valores morais em torno da vida. Enfim, podemos pensar os valores morais no contexto das práticas interativas na Educação Popular, o que estamos fazendo, mesmo que de maneira sucinta, nesta parte deste estudo.

Portanto, nós enquanto sujeitos ativos no contexto da educação, precisamos pensar e repensar nossas ações constantemente a fim de agirmos de maneira ética, moral ou, como se diz na PNL, ecológica.

Na Educação Popular, é relevante que os indivíduos sejam curiosos e questionadores. Sobre essa questão, Freire (1996, p.85) nos faz uma advertência apontando para um princípio moral. “Minha curiosidade não tem o direito de invadir a privacidade do outro e expô-la aos demais”. Isso é muito importante considerar nesta situação educacional de que estamos falando. Ser curioso com relação ao mundo e às ideologias das pessoas, mas sem especular as individualidades da vida pessoal.

*Além da necessidade de coerência entre discurso e ação, é preciso também que haja uma cumplicidade entre esses fatores e a intenção que os gera. Não podemos aparentar algo comportando-nos e falando de uma forma, enquanto no nosso íntimo não vivemos aquilo que externamos. Não basta a beleza aparente e ingênua, é preciso conteúdo interior. “[...]”*

*necessária promoção da ingenuidade à criticidade [...] ética ao lado de estética. Decência e boniteza de mãos dadas” (FREIRE, 1996, p.32).*

O cuidar do espaço educacional formal, no sentido da materialidade, é uma missão que todos os envolvidos neste espaço precisam ter em mente e nas mãos. Mesmo reconhecendo o desprezo muitas vezes impresso pelo Estado em torno da educação, precisamos não destruir o que temos de estrutura física, mas conservar, cuidar, sem esquecer de reivindicar o que não temos, tanto no tocante ao físico quanto ao estrutural.

Como cobrar das crianças o mínimo de respeito às carteiras escolares, às mesas, às paredes se o poder público revela absoluta desconsideração à coisa pública? [...] A eloquência do discurso “pronunciado” na e pela limpeza do chão, na boniteza das salas, na higiene dos sanitários, nas flores que adorna. Há uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço (FREIRE, 1996, p.44-45).

Assim, podemos afirmar que é ético sermos limpos e organizados, mas este comportamento eticamente correto está ligado a nossa relação com o mundo material. Bom é haver uma higiene mental entre os indivíduos, pois além da agradabilidade física, teremos ainda um bem-estar advindo de relacionamentos sadios e promissores no que diz respeito às conquistas coletivas.

Para finalizarmos esta questão da ética e do comportamento, queremos trabalhar em relação aos surgimentos de liderança no meio dos grupos, e na Educação Popular, em meio aos educandos. Alguns se destacam na sala, na escola e na sociedade. Estas lideranças, numa relação educacional popular surgem espontaneamente. Dois, dentre vários fatores, contribuem para esse destaque em alguns indivíduos. O primeiro é a conduta comportamental exemplar. E a segunda é a comunicação eficiente.

Sobre o aprimoramento comunicacional trataremos a partir de agora fazendo uma ponte entre diálogo e comunicação.

### ***4.1.3 Fortalecendo a comunicação, consolidando o diálogo***

Resgatemos alguns dos princípios comunicacionais da PNL para assim buscarmos um aprimoramento na nossa conduta dialógica por meio de uma comunicação mais eficiente para termos melhor atuação no âmbito da Educação Popular.

Numa relação onde pessoas se comunicam deve haver entendimentos daquilo que está sendo comunicado. O primeiro pressuposto da PNL diz que o importante na comunicação é o

que se entendeu e não o que se disse. A reação-ação que provoca na outra pessoa se torna mais importante do que o dito ou pretendido. Isso quer dizer que o entendimento efetuado pelo interlocutor é de suma importância.

Podemos ainda transcender, buscando verificar se o outro entendeu e os resultados que o entendimento gerou. Isso quer dizer que devemos ter compromisso com os resultados das nossas intervenções comunicacionais. Além disso, seremos mais claramente entendidos pelas pessoas com as quais interagimos se usarmos uma comunicação em seu nível.

Para compreendermos a aplicabilidade à Educação Popular, retomamos algumas peculiaridades que a PNL aponta sobre a forma como as pessoas captam, processam e transmitem informações, e faremos pontes com a proposta libertadora.

É preciso que entendamos aquilo que os outros pensam e também como pensam, saibamos o que queremos e o que os outros querem, tanto no aspecto da comunicação quanto da ação. A partir daí, podemos analisar o que temos, o que estamos alcançando, as estratégias que estamos utilizando e as mudanças necessárias a serem implementadas para atingirmos o resultado comportamental e comunicacional, que almejamos com relação a nós mesmos e aos outros. Neste processo, torna-se imprescindível fazermos criticamente as perguntas certas para atingirmos os alvos que nos parecem promissores.

Podemos aplicar isso tanto à prática comunicacional quanto à docente de forma mais geral. “[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.” (FREIRE, 1996, p.39).

Para otimizarmos a nossa comunicação e a dos outros que nos cercam, necessitamos, dentre outras coisas, conhecer e socializar os conhecimentos comunicacionais atrelados as duas teorias em voga neste estudo.

Compreendamos o fato de que a comunicação não se dá apenas pela fala, mas através de gestos, escrita e imagens. Na comunicação humana, conforme já citado no capítulo anterior, 55% do ato comunicativo está nos gestos e os outros 45% está no conteúdo da fala e no tom da voz. Isto expressa o valor que precisamos dar as expressões corporais dos indivíduos, desde a postura física até os gestos.

Cada pessoa envolvida no processo educativo dialógico deve ter ciência de que deve expressar-se com o corpo inteiro e ainda que deve prestar a devida atenção às pessoas que falam, observando igualmente postura, gestos e expressões faciais.

Faremos agora algumas observações em torno da importância de compreendermos cada indivíduo como sistêmico<sup>2</sup> e que o corpo, a mente e a voz (fala) estão envolvidos igualmente para dar sentido comunicativo às interações “dialógicas”.

Ora, o diálogo tem que ter um sentido, um fim. Aqui estamos colocando o diálogo como instrumento de transformação coletiva, onde cada pessoa deve assumir a sua posição de sujeito transformador da realidade.

[...] os educandos em sua relação uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar (FREIRE, 1996, p.41).

Na perspectiva de Freire (1996), com a qual concordamos, o diálogo é um meio utilizado para fazer pensar. É através dos contatos que as pessoas fazem umas com as outras, socializando as suas experiências pessoais, que juntas passam a enxergar que existe outro mundo de saber além dos seus. Assim, como que lhe fossem tiradas escamas dos olhos passam a enxergar numa perspectiva que requer que cresçam em saber superando a situação de ingenuidade e mergulhando em águas mais profundas, nas explicações da realidade e dos fatos.

O diálogo em que se vai desafiando o grupo popular a pensar sua história social como a experiência social de seus membros, vai revelando a necessidade de superar certos saberes que, desnudados, vão mostrando sua “incompetência” para explicar os fatos (FREIRE, 1996, p.81).

Superar os saberes ultrapassados implica dar lugar para uma visão crítica, o que põe em crise o conhecimento anteriormente válido, e este vai se diluindo em uma postura diferenciada.

É possível que essa transformação na forma de conceber o mundo se deva a um adjetivo que, de forma consciente, cabe somente aos seres humanos, o inacabamento. “[...] sua inconclusão é própria da experiência vital. Onde há vida há inacabamento. Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente.” (FREIRE, 1996, p.50).

---

<sup>2</sup> O décimo postulado da PNL afirma que O corpo e o espírito (mente) fazem parte do mesmo sistema cibernético e se afetam mutuamente. Assim mente e corpo se complementam na relação comunicacional e vivencial interferindo também na fala.

Por sermos inacabados é que podemos nos aperfeiçoar cotidianamente nos aspectos ideológicos, o que interfere na esfera física. Isso nos instigará a curiosidade e conseqüentemente, a criatividade inquieta diante do mundo situacional. Para Freire (1996, p.32), “Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos”. Isto representa a nossa oportunidade de atuação como indivíduos transformadores. O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na história (FREIRE, 1996, p.136).

Para mudarmos o nosso mundo, a nossa realidade, devemos empreender mudanças em nós mesmos. E depois, juntamente com outras pessoas com quem entramos em diálogo, é possível chegarmos a um ponto comum de forma que sejamos capazes de juntos mudarmos um contexto para além da nossa individualidade.

Neste ponto, tratando de mudanças, é possível resgatarmos algumas das estratégias da PNL. Ou seja, devemos continuar empreendendo mudanças até o ponto de atingirmos aquilo que queremos. Mas isso não quer dizer que ficaremos estáticos após empreendermos as mudanças e atingirmos alguns objetivos, pois após mudarmos algumas realidades, nosso estado de inacabamento e volição de aperfeiçoamento constante não nos deixará parar. Além disso, é possível que quando empreendermos a nossa emancipação do sistema dominador, tenhamos o dever de socializar a nossa experiência para que se estenda a outros grupos populares a mudança que já conseguimos.

Precisamos implementar mudanças na superação do preconceito, da discriminação, que era combatida abertamente por Freire.

Não me venha com justificativas genéticas, sociológicas ou históricas ou filosóficas para explicar a superioridade da branquitude sobre a negritude, dos homens sobre as mulheres, dos patrões sobre os empregados. Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar (FREIRE, 1996, p.60).

Não importam os obstáculos que temos a enfrentar, é possível procurarmos uma realidade mais justa e igual. Esta como busca coletiva não pode dispensar as relações de diálogo.

Nesta perspectiva, pensaremos questões ligadas ao ambiente escolar, a interação entre discentes e docentes, entre estes e os docentes e entre docentes e eles mesmos, sem esquecer que não podemos desprezar a necessidade de uma boa interação entre corpo docente, discente e comunidade escolar, entendendo-a aqui como os funcionários das escolas, os pais e a comunidade local que participa da escola.

Tomemos a relação de diálogo no contexto da sala de aula. Nele estão em jogo duas necessidades em torno da utilização do diálogo. A primeira é essa da qual estamos falando por hora, que é a necessidade de conscientizar, de abrir horizontes para uma nova óptica de criticidade. A segunda é a de serem socializados conteúdos escolares, o que, conforme temos defendido até agora não deve ocorrer de forma bancária, mas problematizadora e dialogada.

O que se pretende com o diálogo, em qualquer hipótese (seja em torno de um conhecimento científico e técnico, seja de um conhecimento “experencial”) é a problematização do próprio conhecimento em sua indiscutível reação com a realidade concreta na qual se gera e sobre a qual incide, para melhor compreendê-la, explicá-la, transformá-la (FREIRE, 1977, p.52).

Compreender a realidade é muitas vezes compreender os contextos, as histórias de vida de cada indivíduo. É preciso pensar certo. Ensina certo quem pensa certo. Mas o que é pensar certo? Freire (1996, p.27-28) nos coloca diante de algumas considerações em torno do pensar certo: “só na verdade, quem pensa certo, mesmo que, às vezes, pense errado, é quem pode ensinar a pensar certo. E uma das condições necessárias a pensar certo é não estarmos demasiado certos de nossas certezas”. Logo, pensar desta forma tende a eliminar as possibilidades de arrogância decorridas de “certezas” absolutizadas na arrogância de alguns que pensam tudo saber.

Essas atitudes de achar que sabe tudo e de ensinar aos que nada ou quase nada sabem são próprias da prática bancária, da qual já tratamos. Contudo, é válido evocarmos algo que Freire falou sobre a necessidade de uma certa rebeldia em relação a essa prática.

O necessário é que, subordinado, embora, à prática bancária, o educando mantenha vivo em si o gosto da rebeldia que, aguçando sua curiosidade e estimulando sua capacidade de arriscar-se, de aventurar-se, de certa forma o “imuniza” contra o poder apassivador do “bancarismo” (FREIRE, 1996, p.25).

A aventura no novo, no pensar crítica e criativamente nos parece uma forma de colocar-se no diálogo, sem desconsiderar o lado dos que praticam o bancarismo.

Voltando ao que é pensar certo, o educador deve conduzir o educando a raciocinar, desafiando-o a externar a sua compreensão do que está sendo socializado/comunicado.

A tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de inteligir, desafiar o educando com quem se comunica e a quem comunica, produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado. Não há inteligibilidade que não seja comunicação e intercomunicação e que não se funde na dialogicidade. O pensar certo por isso é dialógico e não polêmico (FREIRE, 1996, p.38).

Seguindo nossa linha de raciocínio, de uma proposta de sermos educadores dialógicos, podemos ampliar a nossa compreensão com relação a este ser dialógico. Freire (1977, p.43) afirma que “Ser dialógico [...] é vivenciar o diálogo. Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não sloganizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade”. Quando diz que ser dialógico é não sloganizar, não manipular e não invadir, o que está fazendo senão falar sobre a postura ética que devemos assumir e conduzir as pessoas que se educam juntamente conosco a assumi-la? Isso remete a PNL nos aspectos éticos e ecológicos dos quais discorremos anteriormente.

Sabendo da relevância do diálogo, compreendemos também a importância de saber dialogar, ou seja de saber se comunicar e interagir com os outros. Em um grupo de pessoas reunidas para trocarem informações, seja para crescimento intelectual pelos novos conhecimentos ou para criação de criticidade e motivação à luta, é bem necessário que o *rapport* seja estabelecido, e a partir da afinação comunicativa proporcionada por este recurso teremos um melhor resultado naquilo que objetivamos.

O *rapport* estabelecido indica que as pessoas envolvidas estão uma dentro do mundo comunicacional da outra, pelo fato de considerarem-se iguais, consciente ou inconscientemente, e isso gera confiança mútua.

Além do *rapport*, os conhecimentos aqui apresentados, dos quais já falamos ou ainda iremos discorrer, devem ser socializados entre as pessoas envolvidas no ato dialógico. Assim, todos saberão melhor expressar-se e ainda compreender as expressões dos outros.

Para estabelecermos esta sintonia com as pessoas com as quais estamos interagindo, precisamos compreender que temos que falar uma linguagem com palavras conhecidas no grupo popular em que estamos atuando. É necessário falar a linguagem do outro, tanto no que se refere às palavras conhecidas por todos, quanto no que diz respeito aos canais de captação,

processamento e transmissão de informações, a saber/lembrar, visuais auditivos e cinestésicos.

Ora como explicar para uma pessoa semianalfabeta que existem pessoas cinestésicas? Temos que nos adaptar a linguagem dela. Primeiramente, não podemos subestimar a capacidade dela de assimilar um novo termo. Mas por outro lado tudo pode ser mais fácil se mostrarmos que algumas pessoas entendem melhor as informações que lhes chegam pelos sentidos específicos, e por isso quando formos falar precisamos às vezes tocar na outra pessoa, dar exemplos “usando” uma pessoa presente no local ou ainda usando palavras que sejam comuns a todos, mas que chamem a atenção das pessoas que precisam “sentir” para entender e apreender.

Semelhantemente devemos considerar e socializar, entre as pessoas envolvidas no processo de Educação Popular, os saberes que contribuirão para a compreensão da comunicação das pessoas predominantemente auditivas ou visuais. As palavras adequadas a cada pessoa devem ser utilizadas.

Estas palavras são exatamente as palavras predicadas. Mas, se compreendermos ser mais propício ao grupo, poderemos substituir essa expressão por outra quando formos socializar este conceito de palavras predicadas. Isso pode até ajudar a evitar confusão com os “predicados” trazidos na disciplina de língua portuguesa pela nossa gramática, pelo menos para os que tiveram acesso ao estudo gramatical.

Um outro recurso que queremos retomar é o do “espelhamento”, que pode ser utilizado nesta relação.

Podemos espelhar o vocabulário, sem necessariamente falar “errado”; espelhar a velocidade da fala da outra pessoa respeitando assim o sotaque, mas sem perder a nossa identidade; a postura física dos nossos interlocutores podem ser espelhadas; podemos sentar nos mesmos tipos de cadeiras, e usar roupas não muito diferentes das que são usadas pelas pessoas com quem estamos interagindo. Isso também deve ser socializado com cada pessoa envolvida no processo educacional.

É preciso, enquanto educadores e educadoras, sermos amigos dos educandos, compreendendo-os e quebrando as formalidades que impostas se tornam barreiras. Alguns professores sequer se sentam debaixo de uma árvore com os seus alunos para comer uma fruta ou ainda lanchar e conversar em uma praça. Precisamos empatizar e proporcionar para nossos educandos situações e conhecimentos necessários para que eles também ajam de forma empática, para conosco e para com as demais pessoas da comunidade escolar.

Conhecer também acerca das mensagens que os indivíduos expressam através do olhar

e da expressão facial e gestual parece-nos de grande valia para a fluência comunicacional, no sentido de entender e ser entendido pelo outro.

Neste aspecto, é possível que contribuamos para ampliação da capacidade dialógica dos nossos educandos a partir do momento em que os ensinarmos a ler e usar melhor as expressões visuais, posturais, gestuais e faciais, sobre as quais já falamos na parte de fundamentação deste escrito.

Freire (1996, p. 122), ao dizer: “A dignidade do meu silêncio e do meu olhar que transmitem o meu protesto possível”, estava querendo afirmar que às vezes um simples gesto ou olhar pode falar mais que palavras. Por isso, temos que ter cuidado com cada um dos nossos comportamentos, pois estão sendo lidos constantemente. E ainda há uma tendência para fazermos o que vemos os nossos líderes, “modelos”, fazerem, mais do que tendemos a seguir apenas palavras. Os nossos comportamentos parecem ser vistos pelas pessoas como mensagens mais altas que as nossas falas ou escritos.

Ainda falando de espelhamento, podemos espelhar a cultura e as tradições dos outros, no sentido de adaptação e respeito à ambiência. Isto contradiz ou afirma a Educação Popular e a dialogicidade? Se eu espelho a cultura do outro eu estou respeitando o outro ou estou retirando dele a oportunidade de encarar a minha cultura como uma forma a mais de conceber o mundo? Aqui surge uma questão para pensarmos e dialogarmos com ela, e não necessariamente para respondermos, fechando outras possibilidades.

Sabemos que não é ético invadir a cultura do outro, chocando-o. Por outro lado, não devemos nos esquivar de mostrar-lhe a nossa. “As dificuldades maiores ou menores impostas pela estrutura ao quefazer dialógico não justificam o antidiálogo, do qual a invasão cultural é uma conseqüência” (FREIRE, 1977, p.49). Importa-nos não impor a nossa cultura, mas dialogá-la com as dos outros, pois não dialogar é que pode ser visto como invasão cultural.

O diferencial aí é a forma como faremos isso. Parece-nos viável ir mostrando pouco a pouco características culturais nossas, e de acordo com a reação fisiológica da pessoa, no sentido trazido pela PNL, vamos liberando mais ou diminuindo o ritmo. Desta mesma forma, devemos nos preparar e instigar as pessoas do nosso convívio dialógico escolar a uma abertura a outras “novas” formas de expressões culturais. Freire (1996, p.60) afirma que “a dialogicidade verdadeira em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos.”.

Voltemos agora ao espelhamento e ao *rapport*. Esta técnica implica não apenas seguir o modo comunicacional do outro, mas respeitar o seu mundo sendo flexível nas reações que percebemos no outro.

Outra coisa ainda dentro do *rapport* é sabermos ouvir as outras pessoas. É ouvindo o outro que conseguimos a sua atenção para que nos escutem. Escutar é condição essencial em qualquer diálogo, senão acontecerá um monólogo “ao vento”. Escutar o outro significa ficar em silêncio momentaneamente, mas não silenciado na mente.

A importância do silêncio no espaço da comunicação é fundamental. De um lado, me proporciona que, ao escutar, como sujeito e não como objeto, a fala comunicante de alguém, procure *entrar* no movimento interno do seu pensamento, virando linguagem; de outro, torna possível a quem fala, realmente comprometido com *comunicar* e não com fazer puros *comunicados*, escutar a indagação, a dúvida, a criação de quem escutou. Fora disso, fenece a comunicação. (FREIRE, 1996, p.117)

Escutar o outro não é apenas escutá-lo no tocante a sua fala verbalizada, mas escutar também o gesto. “Escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro” (FREIRE, 1996, p.119). Este escutar respeitosamente ao outro, não significa concordar com ele em tudo, mas uma abertura à discussão. “Como sujeito que se dá ao discurso do outro, sem preconceitos, o bom escutador fala e diz de sua posição com desenvoltura. Precisamente porque *escuta* sua fala discordante, em sendo afirmativa, porque a escuta jamais é autoritária” (FREIRE, 1996, p.120). Isto faz-nos remeter ao que falamos a respeito das controvérsias conceituais.

Um diálogo onde todos têm direito a fala e a escuta sinaliza amadurecimento intelectual dos envolvidos.

E o docente? Este não deve ser autoritário, mas democrático. “[...] o espaço do educador democrático, que aprende a falar escutando, é *cortado* pelo silêncio intermitente de quem, falando, cala para escutar a quem, *silencioso* e não *silenciado*, fala” (FREIRE, 1996, p.117)”. Isso quer dizer que para ensinar precisa-se também estar aberto a novas aprendizagens de conceitos, às colocações feitas pelos próprios educandos, que aprendendo ensinam.

Evidenciamos aqui o fato de que a educação acontece de forma mais eficaz quando é um aprendizado de pessoas juntas. Juntos construindo novos conhecimentos; juntos pensando criticamente a realidade. Esta criticidade muitas vezes se revela em um ângulo de visão

diferenciado. Um dia após o outro vemos pessoas e objetos por prismas cada vez mais privilegiados.

A escuta que devemos fazer do outro não pode ser uma escuta passiva, mas reflexiva, de maneira que gere em nós intervenções capazes de suscitar novas intervenções por parte de quem conosco dialoga.

A nossa fala e a daqueles e daquelas que conosco dialogam deve ser instigante, ao invés de apassivadora. “[...] quem tem o que dizer deve assumir o dever de motivar, de desafiar quem escuta, no sentido de que, quem escuta diga, fale, *responda*” (FREIRE, 1996, p.117). É preciso que falemos para obter respostas pelo desafio impresso em nossa fala, e não para provocar reações meramente submissas ou impostas.

Para saber se estamos conseguindo provocar a pessoa ou grupo com quem estamos dialogando, devemos atentar para expressão não-verbal deste grupo ou pessoa.

Os olhos são grandes pistas de acesso aos interiores das pessoas. De acordo com o que já expomos a respeito da PNL, é possível percebermos, apenas observando os olhares, se um indivíduo está acionando o seu lado racional ou emocional, se está criando ou lembrando algo, e mais ainda, é possível saber se determinada pessoa está pensando cinestésica, auditiva ou visualmente. Defendemos, portanto, que o máximo de conhecimentos capazes de gerar destreza na percepção dos olhares das pessoas devem ser socializados com as pessoas que fazem parte de um grupo que dialoga na busca de aprender e/ou de libertar-se um junto com o outro.

Não só os conhecimentos ligados à leitura dos olhares, mas a leitura das alterações momentâneas da cor da pele, do tom e intensidade da voz, do grau de relaxamento ou tensão muscular e da respiração devem ser compartilhados. Um grupo afinado com a leitura das expressões comunicacionais dos seus membros pode atingir muito mais facilmente os objetivos a partir da melhor fluência interacional ou dialógica.

Os indivíduos que dominam a fluência na comunicação podem, ao menos com as pessoas com quem interage mais de perto, perceber como a pessoa está pensando, e também a possível resposta que irá obter antes mesmo do interlocutor abrir a boca.

Isso se dá quando acontece algo que aqui já apresentamos como calibração. Se um indivíduo conhece muito de perto o outro, passa a afinar-se com as suas expressões não-verbais a ponto de perceber o sentimento que o outro está tendo no momento que o escuta. Logo, quando chega o momento do interlocutor falar dentro do diálogo, já se tem uma idéia muito aproximada do que será verbalizado. Essa percepção é possível devido ao fato de que antes de verbalizar algo, a pessoa pensa e sente alguma coisa que se reflete em sua expressão fisionômica, postural, entre outras.

Da mesma forma como numa relação de diálogo entre duas ou mais pessoas, é

possível uma expressão da pessoa que fala gerar em quem ouve/ver uma compreensão acerca do que está sentindo, é possível que um estímulo possa gerar nas pessoas sentimentos. São as âncoras visuais, auditivas ou cinestésicas.

Dialogando com um grupo já conhecido é possível usarmos estímulos sonoros, gestuais, olfativos etc, para despertar nas pessoas uma volição de mudança e trabalho em busca dos objetivos de todos, considerando a ética ecológica. Além disso, uma pessoa pode usar estas âncoras apenas para chamar ou manter a atenção das demais que a escutam. Quanto ao mais, já vimos sobre como podem ser criadas as âncoras e, portanto, agora só nos resta sugerir formas de aplicação à temática sobre a qual estamos dissertando.

Podemos também criar barreiras para as âncoras lançadas pela grande mídia, sobretudo rádio e televisão. É preciso que busquemos saber distinguir entre uma intenção tendenciosa alienante e alguma outra que se manifesta nos grandes meios. No caso da TV, é pertinente sabermos muito mais que bloquear as âncoras, desprezando os sons e imagens que subliminarmente as traz. É necessário que se saiba usar a TV para que seja despertada nos educandos que conosco se educam uma percepção das entrelinhas do que ela comunica.

O mundo encurta, o tempo se dilui: o ontem vira agora; o amanhã já está feito. Tudo muito rápido. Debater o que se diz e o que se mostra e como se mostra na televisão me parece algo cada vez mais importante. [...] não podemos desconhecer a televisão mas devemos usá-la, sobretudo discutí-la (FREIRE, 1996, p.139).

Conhecendo os artifícios comunicacionais da PNL que estamos tratando aqui, é possível que se percebam muitos dos casos em que a TV e outros meios massivos de comunicação estão usando de malícia para manipular as massas. Diante disto, será útil utilizarmos e levarmos os educandos a empregarem os metamodelos comunicacionais, que podem revelar aos indivíduos algumas coisas encobertas. Isto se aplica não só ao questionamento acerca das veiculações dos grandes meios, mas a discursos de pessoas que a nós se direcionam, como por exemplo, os políticos.

No capítulo anterior, ao tratar de metamodelos, utilizamos citações de O'Connor e Seymour, autores que entendemos serem os mais coerentes na abordagem deste assunto, elucidando, portanto, o que são e como estes devem ser usados. Na relação dialógica com fins pedagógicos ou revolucionários podemos usar esta poderosa ferramenta para reunir informações, esclarecer significados e identificar limites no pensamento dos indivíduos.

Iremos agora, não reexplicar o que é e como funciona cada metamodelo, mas citar

alguns deles, direcionando-os à aplicabilidade na Educação Popular dentro da proposta de diálogo posta.

Aproximemos mais um aspecto da PNL com as outras teorias aqui discutidas. Podemos esclarecer alguma omissão de sujeitos não especificados, de verbos não especificados, de comparações, de julgamentos e de substantivações, se estivermos atentos aos padrões de omissões. Se houver um senso crítico na relação dialógica a ponto dos indivíduos terem a sensibilidade de perceber omissões, logo poderão criar perguntas para esclarecer o que está omitido.

Semelhantemente deve haver uma socialização das ferramentas capazes de gerar perguntas esclarecedoras em torno das generalizações, que envolvem os operadores modais de possibilidade e de necessidade e ainda os quantificadores universais, sobre os quais tratamos detalhadamente no capítulo anterior. Dominando esse recurso, o educador ou educando saberá identificar em grande parte das vezes as expressões trapaciosas intencionais ou não, utilizadas por dominadores.

No que tange aos metamodelos, o padrão distorção traz equivalência complexa, pressuposição, relação de causa e efeito e leitura da mente. Neste padrão, pode estar a percepção da comunicação pessoal falha e também manipuladora em alguns casos. Portanto, mais uma vez, ressaltamos a importância de haver entre educadores e educandos, que visam uma “libertação juntos”, o domínio do saber a respeito de mais este recurso da PNL apresentado aqui.

Como exemplo de uma situação que pode ser questionada no contexto da Educação Popular, podemos ter uma pressuposição utilizada por um determinado diretor, professor ou líder político. Ao perguntar se vamos votar em um candidato a vereador “A” ou “B” do partido “Z”, identificamos aí duas pressuposições. A primeira é se vamos de fato votar, e a segunda é se vamos votar em candidato do partido “Z”. Podemos desmistificar a situação. Na primeira situação, podemos perguntar “quem foi que disse que eu iria votar?” e na segunda, pode ser feita uma pergunta tipo: “quem lhe assegura que vou votar em candidato do partido ‘Z’?”.

Ora, o conhecimento dos metamodelos parece nos tornar ainda mais críticos e questionadores com relação à realidade. E se vivemos em contextos onde os grandes tentam engolir os pequenos, onde as elites financeiras buscam impor suas concepções à população desfavorecida, faz-se importante a socialização de saberes como estes mostrados aqui, que são capazes de proporcionar a identificação da má intenção elitizada de quem quer, muitas vezes se conservar no poder, desfrutando dos benefícios custeados pelos oprimidos.

Mesmo que a situação seja de debate, é bom que estabeleçamos o *rapport* antes de

fazemos os questionamentos “desmistificantes”, e ainda vale lembrar que a observação das palavras, do tom de voz ou da expressão corporal, pode conduzir ao padrão de metamodelo que precisa ser questionado. Atentemos para estes fatores.

Voltando-nos para a questão da linguagem, observamos que cada indivíduo convencionou os significados que as palavras terão para ele. Esse convencionamento não é algo isolado da pessoa, mas recebe influências externas a ela. Sendo assim temos que considerar o mundo lingüístico da pessoa com quem conversamos.

Tratando de linguagem, não podemos deixar de considerar que os estímulos visuais ou sonoros que pomos diante das pessoas vão gerar nelas pensamentos, que gerarão sentimentos que por sua vez vão provocar comportamentos. Desta maneira, cada pessoa pode estabelecer as suas intenções no processo comunicativo, e assim pensar sobre os estímulos que precisará fornecer para as pessoas para que se comportem de forma A ou B.

Numa sala de aula, um professor pode fornecer aos alunos estímulos que gerem comportamentos de criticidade e de crescimento intelectual. Mas se por outro lado, o professor ou mesmo um aluno quiser usar algum dos princípios da PNL para obter de uma pessoa ou grupo um comportamento que apenas o beneficie, porventura não será algo egoísta que a PNL estará contribuindo? Seria esta técnica de provocar comportamentos específicos nas pessoas uma manipulação? E sendo manipulação não passaria a ser impopular e bancária?

Mais uma vez voltamos aos princípios éticos. Temos que pensar, repensar e fazer os outros pensarem sobre a conduta que estão adotando e sobre os valores morais em vigência na vida de cada indivíduo.

Comunicar-se bem pode ser popular ou impopular dependendo da intenção de quem o faz, ou mesmo de como se faz, apesar ou independentemente das intenções.

A linguagem adequada evita muitos problemas de relacionamento. Acreditamos que muitas das controvérsias entre as pessoas começam por desentendimento entre o que um disse e o que o outro entendeu.

Quanto a educação formal, devemos considerar que esta deve proporcionar uma educação que transcenda a transferência de conhecimento. “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam significação e significados” (FREIRE, 1977, p.69). Assim, esta busca por significações e significados gera novas concepções acerca da vida e do mundo.

Retomemos a questão do uso das metáforas. Estas em sua função de esclarecer

determinadas situações podem ser bem úteis nos diálogos no contexto educacional. Após explicar algo e notando, pelos artifícios de observação fisiológica, que não foi bem compreendido, o indivíduo pode fazer uso de uma metáfora, para que por intermédio de uma comparação significativa os outros venham a compreendê-lo.

Além disso, em um lugar onde seja proibido usar certos termos e conversar sobre determinados assuntos, é possível que uma linguagem metafórica seja socializada entre membros de determinado grupo popular que de posse dessas metáforas podem se comunicar tratando de emancipação da opressão, diante dos próprios opressores, sem que estes últimos percebam. Um exemplo disso, temos em algumas letras de música que foram lançadas na ditadura militar, que passaram pela censura e ainda eram cantadas pelos próprios opressores (repressores), que não sabiam o real sentido daquelas letras.

Como a metáfora conduz as pessoas a substituírem uma coisa por outra dando significações às situações, é possível que a aprendizagem se dê de forma muito mais fácil a partir do emprego metafórico. Isso é possível porque uma parábola (estória) ou termo parabólico atua diretamente na mente humana, no modelo de mundo, no mapa mental de qualquer indivíduo.

Nas lutas populares, os grupos vivenciam problemas os mais variados. Nesta situação, entendemos que criar metáforas de compatibilidade aludíveis com a problemática a ser solucionada pode auxiliar no alcance das opções de soluções mais plausíveis.

Reflitamos sobre a Educação Popular e o diálogo em possibilidades de parcerias com os “conceitos” de metaprogramas comunicacionais, filtros de percepção que usamos para definir como as informações chegarão até nós.

Ora, sobre os metaprogramas já demos explicações e neste momento vamos buscar entender como um indivíduo poderá atingir o mapa mental do outro a partir da flexibilização de suas expressões a ponto de cativar e se fazer entendido por pessoas que compreendem, e até aceitam, informações vindas das mais variadas formas. Além de otimizar a comunicação, os metaprogramas podem ser usados para direcionar onde, em qual posição estratégica pode atuar cada tipo de pessoa.

Vamos ver isso passeando por alguns dos padrões comunicacionais. Primeiramente, o *proativo-reativo*. Identificar, por exemplo, uma pessoa proativa, pode direcionar-nos a dar mais atenção a esta pessoa como aquela que faz, que é o exemplo primeiro de enfrentamento, de ação de não ficar parado apático diante de certas situações. Este tipo de pessoa, na prática, é a pessoa que primeiro vai à luta.

Não menos importantes, as pessoas reativas seguirão as proativas, sustentando a luta

ao lado delas. É o juntos, uns ajudando os outros na interação da busca pelo diálogo da prática libertadora.

Um outro padrão que vale a pena ser observado é o geral-específico. Perceber no grupo a pessoa que consegue enxergar a amplitude contextual de uma problemática e aquela que consegue ver o detalhe da mesma situação poderá fortalecer o grupo, pois há uma visão grupal contemplativa mais extensa, mais abrangente em sua amplitude e singularidade.

Também é válido afirmarmos que, se em um grupo pedagógico (sala de aula) ou em um grupo de luta popular, os indivíduos usarem uma linguagem verbal e/ou imagética que atenda aos dois grupos, tanto as pessoas que vêem a amplitude quanto as que vêem os detalhes serão beneficiadas.

Cada indivíduo que participa de uma interação pedagógica ou de luta tem seus objetivos e motivações no grupo, seja aprendizagem ou qualquer outro. Mas esta aprendizagem para cada pessoa pode representar coisas diferentes. Para uma pode representar uma oportunidade de obter prazer e realização. Para a outra, a aprendizagem ou a luta pode representar uma forma de evitar sofrimento. Estamos falando do padrão de aproximação-afastamento. Não importa a intenção, mas importa estarmos engajados em crescer intelectualmente, em conquistar direitos “roubados”, ou ambos. Assim, melhor se dará a comunicação se falarmos atendendo as pessoas do padrão de aproximação e também as do padrão de afastamento.

Semelhantemente, devem ser faladas as linguagens referentes aos padrões anteriormente citados, a saber, proativo e reativo; interno-externo; opções-procedimentos; semelhança-diferença e padrão de convencimento.

Comunicar-se bem é uma necessidade de todo indivíduo. Contudo, saber da existência dos modelos de comunicação apresentados aqui, que podem elevar o nível da qualidade comunicacional das pessoas, se faz uma oportunidade de aperfeiçoamento dialógico para as mais variadas situações de Educação Popular.

Portanto, sejamos agentes multiplicadores de conhecimentos que aprimorem os diálogos que libertarão a muitos da opressão, e mais ainda, que instiguem a participação dos indivíduos como sujeitos capazes de imprimir suas próprias histórias.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pensarmos esta dissertação, tínhamos o objetivo de investigar uma forma de articular a PNL com a Pedagogia Dialógica de Freire, por notar que em vários aspectos elas se complementavam. Assim, seria possível um impacto positivo na comunicação e no diálogo no contexto da Educação Popular.

Ao passo que começamos a estudar e escrever este trabalho, vimos que se confirmava a nossa hipótese de que seria algo promissor interagimos as duas teorias em questão, para assim, contribuir com sugestões de possibilidades à prática da Educação Popular.

A pedagogia dialógica apresentada por Paulo Freire se propõe a superar o bancarismo, em que os educandos não têm direito a voz autêntica, pois só podem falar o que não passar de reprodutibilidade dos que estão no comando. É o que faz a professora ou o professor que ministram o conteúdo impregnado de ideologias dominantes.

Neste contexto, a Educação Popular se propõe a romper o silêncio e empreender uma luta por emancipação, no que se refere aos que oprimem a sociedade desprivilegiada de muitos direitos. Ampliando a interação entre estes indivíduos, cujos direitos foram tolhidos por um grupo que está numa posição de dominação, é possível uma mobilização no intuito de recuperar o que se perdeu, primeiramente, a capacidade de pensar e de se expressar e em segundo lugar, a possibilidade de desfrutar fisicamente e materialmente daquilo que é básico para cada ser humano.

A interação eficiente ou adequada ocorre por meio de uma comunicação e um diálogo de qualidade. Para isso, a PNL traz a sua contribuição, conforme mostramos neste escrito. Esta teoria lida com o desenvolvimento de habilidades relacionadas à compreensão mais aprimorada de si, do outro e do mundo. A partir deste aprimoramento comunicacional é possível alcançar uma socialização mais profícua.

Na análise e integração dos conteúdos pertencentes à Pedagogia Dialógica e à PNL, direcionada à Educação Popular, percebemos uma complementação muito clara: há um elevado grau de importância da relação comunicacional entre os indivíduos que se educam mutuamente na busca de aprender o novo e também de somar forças e conhecimento na luta por espaços sociais que por direito pertencem a todos, mas que são domínio de poucos.

A comunicação e o diálogo nos parecem elementos influenciadores, e até mesmo determinantes, para o decurso normal ou deficitário de relações interativas entre os indivíduos. Ademais, um indivíduo que sabe se comunicar dialogicamente, numa postura de consciência crítica e não ingênua, é capaz de conhecer as entrelinhas da sua comunicação e da dos outros. Isto inclui tanto o conhecimento teórico dos mecanismos como também a capacidade de selecioná-los e aplicá-los na prática.

De acordo com o que propomos aqui, a educadora ou educador e educandos podem utilizar a PNL para melhorar sua postura dialógica ao interagir com diferentes pessoas em seu ambiente de vida cotidiana, o que envolve local social de trabalho, estudo, entre outros.

Conforme vimos, as relações dialógicas entre as pessoas podem ser mais profícuas se forem utilizados recursos como os que apresentamos aqui, como por exemplo: *rapport*, espelhamento, predicados, indícios de acesso, canais de captação e processamento de informações, calibração, ancoragem, linguagem, metaprogramas, metamodelos, elaboração e utilização de metáforas e uso da voz. Não podemos esquecer, no entanto da ética e do princípio ecológico que conduzem as ações a uma postura de valores morais e até de amor.

De início, a busca pelo aprimoramento comunicacional conduz os indivíduos a um nível de competência consciente que, posteriormente, se amplia ao estágio de maestria. Uma pessoa neste nível, no que diz respeito à capacidade de se comunicar e dialogar, respeitando e ouvindo o outro, é capaz de usar as técnicas e habilidades apresentadas neste estudo, sem sequer se dar conta disto, pois dialogar com eficiência passa a fazer parte dela.

Os indivíduos envolvidos no processo de Educação Popular, em um trabalho conjunto, aprimoram as suas competências comunicacionais, detectando as peculiaridades individuais, a forma como se socializam, os tipos humanos (visual, auditivo, cinestésico, etc.) e as formas como captam, processam e transmitem informações. Na sala de aula ou numa reunião popular, é imprescindível a sintonia estabelecida entre os participantes, para que o processo ensino-aprendizagem ou ainda o processo de conscientização flua de maneira compatível e com sucesso.

A articulação entre outros campos de conhecimento e o campo educacional não é algo simples. Interagir a Pedagogia Dialógica com a Educação Popular não foi algo difícil, pois estas áreas já se mostravam conectadas de alguma forma. Contudo, aproximá-las com a PNL, se constituiu um desafio, o novo a ser explorado.

Portanto, conclui-se que a PNL é um importante instrumento que pode ser utilizado dentro da Educação Popular, principalmente se conectada a Pedagogia de Freire aqui apresentada, uma vez que pode aprimorar a comunicação humana e a capacidade dialógica dos indivíduos, facilitando a aprendizagem, a criticidade e a reflexão-ação na busca coletiva do emancipar-se.

## 6 REFERÊNCIAS

BANDLER, Richard; GRINDER, John. **Sapos em príncipes**: programação neurolinguística. Tradução de Maria Sílvia Mourão Netto. São Paulo: Summus, 1982.

BANDLER, Richard; GRINDER, John. **Resignificando**: programação neurolinguística e a transformação do significado. Tradução de Maria Sílvia Mourão Netto. São Paulo: Summus, 1986.

BARREIRO, Julio. **Educação popular e conscientização**. Trad de Carlos Rodrigues Brandão. Petrópolis: Vozes, 1980. 188p

BELTRÃO, Luiz. **Teoria geral da comunicação**. Brasília: Thesaurus, 1982

BORDENAVE, Juan E. Diaz. **O que é comunicação**. Coleção primeiros passos. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação popular na escola cidadã**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRENNAND, Edna Gusmão de Góes (ORG.). **O labirinto da educação popular**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.

CAMPOS, Maria Célia R. Malta. **A contribuição da psicanálise para uma re-leitura das queixas escolares por parte dos educadores**. Revista Psicopedagogia, v. 19, n. 56, p. 4-10, out. 2001.

CARDOSO, Magot. **A hora e a vez da programação neurolinguística**. In Revista Vencer, abril 2002.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 5e. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2002.

COSTA, Marisa Vorraber (org). **Educação popular hoje**. São Paulo: Loyola, 1998.

COSTA, Sergio Francisco. **Método científico**: os caminhos da investigação. São Paulo: Editor Harbra. 2001.

CURY, Gilberto Craidy. **Programação neurolinguística e a ética**. [S. I.]. Disponível em: <<http://www.pnl.com.br/artetica.asp>>. Acesso em 18 mar. 2004.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1987.

DAVIDOFF, Linda L.. **Introdução à psicologia**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

ESTEVAM in FÁVERO, Osmar (ORG.). **Cultura popular e educação popular**: memória dos anos 60. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 27 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3 ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. 28 ed. São Paulo: Cortez. 1993. (coleção questões da nossa época; v 13).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996 (coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade.** 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação.** 10 ed. Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire: uma biobibliografia.** São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire; Brasília, DF: UNESCO, 1996.

GARCIA, Pedro Benjamim (org.). **O pêndulo das ideologias: a educação popular e o desafio das pós-modernidade.** Trad. Jorge Vicente Muñoz e Cristiane Menezes Muñoz. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversando sobre iniciação a pesquisa científica.** 3 ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2003. 80p.

GONÇALVES, Luiz Gonzaga, *in* (ORG) GONSALVES, Elisa Pereira. **Educação e Grupos Populares: temas (re)correntes.** Campinas: Alínea, 2002.

LITTLEJOHN, Stephen W. **Fundamentos teóricos da comunicação humana.** Rio de Janeiro: Zahar. 1982.

MATTELART, Armand e Michèle. **História das teorias da comunicação.** São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MELO NETO, José Francisco de, *in* BRENNAND, Edna Gusmão de Góes (ORG.). **O labirinto da educação popular.** João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde.** 5 ed. São Pulo: HUCITEC, 1998.

O,CONNOR, Joseph; SEYMOUR, John. **Introdução à programação neurolingüística: como entender e influenciar pessoas.** São Paulo: Summus, 1995.

PALUDO, Conceição. **Educação popular em busca de alternativas: uma leitura desde o Campo Democrático e Popular.** Porto Alegre: Tomo Editorial & Camp, 2001.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares. A participação na construção da cidadania.** 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1998

POYARES, Walter Ramos. **Comunicação social e relações públicas.** 2 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1974.

RIBEIRO, Lair. **Comunicação global: a mágica da influência.** Rio de Janeiro: Objetiva, 1993.

ROBBINS, Anthony. **Poder sem limites.** Tradução de Muriel Alves Brazil. São Paulo: Best Seller, 1987.

RÜDIGER, Fancisco. **Introdução à teoria da comunicação**. São Paulo: EDICON, 1998.

RUIZ, João Álvaro. Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos. – 5. ed. – São Paulo: Atlas 2002

SANTOS, Roberto Elísio. **Introdução à teoria da comunicação**. Coleção pistas. São Bernardo do Campo: EDITORA DO IMS, 1992.

SARY, Patrick. **Guia de programação neurolingüística para sua empresa**. Trad. José Augusto Carvalho. Rio de Janeiro: Record, 1996.

STEVE, Andréas; FAULKNER, Charles. **PNL, a nova tecnologia do sucesso**. Tradução de Talita Macedo Rodrigues. Rio de Janeiro: Campus, 1995.